

Universidade Federal de Viçosa
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Departamento de Ciências Sociais



**RELIGIÃO E POLÍTICA NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE
DEUS: um estudo das campanhas eleitorais de 2010 e 2014**

Autor: Willelm Martins Andrade Jardim

Orientador: Fabrício Roberto Costa Oliveira

Dezembro

2016

Willelm Martins Andrade Jardim

**RELIGIÃO E POLÍTICA NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE
DEUS: um estudo das campanhas eleitorais de 2010 e 2014**

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Viçosa, como parte
das exigências para obtenção de título de
Bacharel em Ciências Sociais.*

Orientador: Fabrício Roberto Costa Oliveira

Viçosa – Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Preciso agradecer pessoas e instituições que sem as quais não conseguiria chegar ao término deste trabalho. É uma grande dificuldade lembrar e dar o devido crédito a todos que contribuíram com minha jornada, pois foram muitos, que de diferentes maneiras, cada um à sua, me apoiaram e me ajudaram a chegar ao final. Agradeço imensamente a meus familiares, meu pai William, minha tia Vânia, meu primo Filipe, e a minha Dirce, por todo o apoio que me deram e ainda me dão. Da mesma forma agradeço, mas também dedico este trabalho, aos falecidos vô Zé Martins, vô Zé Barcellos, e tia Valéria.

Aos meus amigos, é impossível citar a todos, mas saibam que sou muito grato a vocês. Sem os momentos de debate com os parceiros graduandos de Ciências Sociais, sem a descontração das festas, bebedeiras, conversas ociosas e escapadas a Ubá, eu não teria suportado. Pollyana, Martim, Victor (V2), Israel, Diego (Diegão), Rômulo (Rominho), Cristiane, João (Baiano), André Guilherme, Everton (Tom), Rachel foi muito bom compartilhar momentos com vocês. Aos amigos do Alojamento 2131 pela acolhida calorosa e aos eternos amigos e irmãos da República Lusfaianus, vocês estarão comigo para sempre.

A elaboração desta monografia deve a colaboração de todos do Departamento de Ciências Sociais da UFV e ao o financiamento da FAPEMIG e da Capes durante a execução de projetos que contribuíram para minha formação. Agradeço todos os professores com quem pude aprender neste período de graduação, em especial ao professor Marcelo José Oliveira pelo aprendizado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Decência (PIBID). Agradeço a todos integrantes do Grupo de Estudos em Religião, Sociedade e Novas Demandas por Reconhecimento pelos encontros que renderam tantas reflexões aproveitadas por mim neste trabalho. De forma especial à professora Raquel Lima pela ajuda ao longo da pesquisa e ao professor Paulo Gracino pelos empréstimos de livro, debates acadêmicos e étlicos.

Ao meu querido orientador e amigo professor Fabrício Oliveira, pela oportunidade na Iniciação Científica, pelo incentivo, motivação, e orientações essenciais à pesquisa. Tenho uma grande gratidão e admiração por você, obrigado por conduzir meu desenvolvimento enquanto pesquisador de forma tão sensível e gratificante, inclusive ouvindo minhas lamentações. Foi muito bom trabalhar com você neste tempo.

Rosa Maria, muito obrigado por sua ajuda nessa etapa, devo a você a grande inspiração para continuar em frente e obrigado por suprir todo o suporte emocional que necessitei.

RESUMO: Esta pesquisa teve como objeto de estudo as relações entre política e religião, tomando como ator principal a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), uma das instituições religiosas mais atuantes na política institucional brasileira. Tal Instituição detém um grande poder econômico e possui uma série de veículos midiáticos através dos quais evangeliza, informa e se posiciona perante diversos temas, sejam eles públicos ou privados. Nossa pesquisa pautou-se pela análise do jornal “Folha Universal”, mídia impressa oficial da IURD, que tem alcance nacional. Nosso recorte correspondente aos períodos de julho a outubro das duas últimas eleições presidenciais - 2010 e 2014 - nas quais também estiveram em disputa os cargos de governador, senador, deputado federal e estadual. Esperou-se, com essa escolha, captar a especificidade de um jornal evangélico influenciado pelo “tempo da política” e, assim, contribuir para o debate sobre religião e política no Brasil. Pode-se inferir que nos dois períodos analisados, o jornal adotou uma postura na qual há a valorização do voto como principal meio de solucionar os problemas sociais. Notou-se que no período eleitoral de 2010, a denominação utilizou o jornal como meio para fazer propaganda de seus políticos, e influenciar as eleições presidenciais com matérias favoráveis a candidata Dilma Rousseff. Postura deixada de lado nas eleições de 2014, no qual, em geral, optou pela não vinculação dessas matérias.

Palavras Chave: Religião; Política; Folha Universal; Igreja Universal do Reino de Deus.

ABSTRACT: This research had as objective of study the relations between politics and religion, taking as key player the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG), one of the most active religious institution in the Brazilian institutional politic. This institution holds a great economic power and owns series of media vehicles where it evangelizes, informs and give opinions on various topics, whether public or private. Our research was guided by an analysis of the newspaper “Folha Universal”, official UCKG printed media, which has national reach. Our outline corresponds to the period from July to October of the two last presidential elections – 2010 and 2014 – in which also had been in dispute the positions for state governor, senator, federal and state representatives. It was expected, with this choice, to capture the specificity of an evangelical newspaper influenced by the “politic time” and, so, to contribute to the debate about religion and politics in Brazil. It can be inferred that on both analyzed periods, the newspaper assumed a posture in which there is a vote valorization as the primary means of solving social problems. It was noticed that in the election period of 2010, the denomination used the newspaper as means to advertise its politicians, and to influence the presidential election with favorable issues to the candidate Dilma Rousseff. Posture that was left behind in the election of 2014, where, in general, they opted for not linking these issues.

Keywords: Religions; Politics; Folha Universal; Universal Church of the Kingdom of God.

QUADRO DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DEM: Democratas

FPE: Frente Parlamentar Evangélica

FJU: Força Jovem Universal

IURD: Igreja Universal do Reino de Deus

MS: Mato Grosso do Sul

OMS: Organização Mundial da Saúde

PMDB: Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PR: Partido da República

PL: Partido Liberal

PRB: Partido Republicano Brasileiro

PRN: Partido da Reconstrução Nacional

PSB: Partido Socialista Brasileiro

PSC: Partido Social Cristão

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL: Partido Socialismo e Liberdade

PT: Partido dos Trabalhadores

PV: Partido Verde

RN: Rio Grande do Norte

TSE: Tribunal Superior Eleitoral

Índice

RESUMO	3
ABSTRACT.....	4
QUADRO DE SIGLAS E ABREVIATURAS	5
Introdução	7
Capítulo Um - Pentecostais e Política no Brasil.....	12
Capítulo Dois - A denominação (não só) da política.	16
Capítulo Três - A pesquisa.....	22
A Folha Universal	23
Campo e <i>habitus</i> em Bourdieu.	25
Capítulo Quatro - As eleições 2010	28
Capítulo Cinco - As eleições 2014.....	40
Considerações Finais.....	49
Referências bibliográficas	51

Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar a forma como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) fez uso do jornal Folha Universal no contexto das eleições presidenciais de 2010 e 2014. Espera-se demonstrar as especificidades das estratégias utilizadas por esta igreja na tentativa de influenciar o voto de seus fiéis, bem como, demonstrar como a ideia de política aparece no semanário.

Esta monografia é continuidade do trabalho iniciado em pesquisa de iniciação científica, realizada no período de março de 2015 a fevereiro de 2016 - financiada pelo programa PROBIC/FAPEMIG. Pretendíamos o estudo das estratégias eleitorais dos candidatos oficiais da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), na ocasião das eleições de 2014. À partir da análise dos panfletos, cartazes, folders, pôsteres, e demais materiais utilizados na campanha eleitoral, acreditávamos poder identificar como eram construídas as campanhas e formuladas as estratégias de criação dos políticos oficiais da instituição e, assim, colaborar para o entendimento das relações entre religião e política.

Foram diversas as tentativas de levantamento do material mencionado junto aos políticos e à sede do Partido Republicano Brasileiro (PRB) de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Partido no qual a maioria dos agentes religiosos aqui estudados se filiam. Foram realizadas constantes ligações e contatos via e-mail nas primeiras etapas da pesquisa.

Nossas demandas não foram atendidas, o argumento era de que os mesmos não dispunham destes materiais. Mesmo depois de alguns contatos com pessoas mais próximas aos candidatos, não conseguimos acesso aos materiais.

Impossibilitados de acessar tais materiais, mantivemos o objetivo geral de estudar as relações entre política e religião, com foco na Igreja Universal, no Brasil. Não obstante, construímos um caminho alternativo ao previsto inicialmente. Voltamos os esforços para a análise do jornal “Folha Universal”, mídia oficial da IURD, no intuito de captar as especificidades do jornal no que tange ao tema da política. Dessa forma, esta pesquisa serve como subsídio para o entendimento das relações entre os campos político e religioso, na medida em que elucida as estratégias de uma instituição religiosa em duas disputas eleitorais.

O debate sobre as relações entre política e religião no Brasil contemporâneo é destaque recorrente em artigos de jornais, objeto de pesquisas acadêmicas e, mesmo com o

tabu de que “religião e política não se discutem”, faz parte dos temas debatidos pelo senso comum.

O avivamento do debate em torno deste tema pode ser creditado às mudanças ocorridas na (re)configuração política e social do país no processo de transição do modelo ditatorial para o modelo democrático, na década de 1980, em conjunto com a reconfiguração do campo religioso em curso naquele contexto, que se inclinava para um aumento da pluralidade religiosa, principalmente no que toca as religiões evangélicas, com surgimento de novas igrejas e crescimento da população evangélica e, conseqüente, declínio do número de católicos.

Via de regra, o termo “evangélicos”¹ é utilizado, não sem equívoco, para se referir a fiéis de diversas igrejas que, em consequência, acabam por parecer um bloco coeso de “irmãos”. No entanto, o termo abarca uma grande diversidade de denominações religiosas que diferem uma das outras por uma série de aspectos doutrinários, teológicos e comportamentais, não cabe aqui uma genealogia dessas denominações. Porém, para efeito desse trabalho se fazem necessárias algumas considerações a respeito da classificação dos grupos evangélicos brasileiros chamados de pentecostais.

Segundo Mariano (1996), apesar de herdeiro do protestantismo, o pentecostalismo difere teologicamente deste por pregar os dons do Espírito Santo, com destaque para os dons de línguas (glossolalia), cura, e discernimento de espíritos. Mesmo tendo surgido no século XX, o pentecostalismo retoma “práticas religiosas e mentalidades próprias do cristianismo primitivo”, prega, diferentemente do protestantismo reformado, “que Deus continua a agir hoje tal como no passado bíblico, curando enfermos, expulsando demônios, concedendo bençãos e dons espirituais, fazendo milagres, intervindo na história e na vida cotidiana de seus servos” (MARIANO, 1996: 123).

As classificações elaboradas por Freston (1993), bem como a tipologia defendida por Mariano (1999), são largamente utilizadas por pesquisadores para se referirem às denominações pentecostais, sendo muitas vezes utilizadas em conjunto. Segundo Freston (1993), existem três momentos, ou “ondas”, do pentecostalismo. A primeira “onda” aconteceu nas décadas iniciais do século XX, mais precisamente entre 1910 até 1950, da qual a Assembleia de Deus (1911) é exemplo.

¹ Clara Mafra (2001) chama atenção para certo consenso quanto ao uso do termo como uma categoria abrangente. Sem dúvidas, é necessário o uso de tal, porém chamo atenção para o uso indiscriminado que o senso comum faz desse termo.

A segunda “onda” é de 1950 a 1970, fase na qual “o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962)” (FRESTON,1993: 66).

A última fase, que se inicia nos anos de 1970 e 1980, constituiria a terceira onda. Em destaque nesta terceira fase estão a IURD e a Internacional da Graça. O autor destaca as novas contribuições das denominações ao pentecostalismo: “essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo” (FRESTON,1993: 66).

A classificação de Freston (1993), portanto, tem foco no recorte temporal na qual as “levas” de denominações surgiram. Com o intuito de melhor classificá-las e diferenciá-las, Mariano (1999) propõe uma classificação que subdivide a categoria pentecostal em três, o autor reconhece a importância da divisão temporal descrita por Freston (1993)², já citada, mas classifica as denominações por características doutrinárias, dando ênfase nos Dons do Espírito que predominam nas denominações, o faz da seguinte maneira: 1) pentecostalismo clássico, cuja característica diferencial é a ênfase no “dom de línguas” (glossolalia), e são as denominações que inauguraram o pentecostalismo³; 2) deuteropentecostalismo, fase intermediária que se caracteriza pelo “evangelismo radiofônico, cura divina, e responsável pela fragmentação denominacional, dinamizando a expansão do pentecostalismo brasileiro, importante notar que não há o abandono do “dom de línguas” (MARIANO, 1999)⁴; 3) neopentecostalismo, que segundo o autor trazem diferenças significativas para o campo pentecostal, como (i) a exacerbação da guerra contra os espíritos, observada nos exorcismos recorrentes (ii) a ênfase na Teologia da Prosperidade, que prega prosperidade material na vida e não a salvação exclusiva nos Céus (iii) e a liberalização dos usos e costumes em excesso rígidos nas igrejas deuteropentecostais e clássicas. Portanto, a Igreja Universal do Reino de Deus, foco deste trabalho, é classificada, como neopentecostal, sendo o grande ícone dentre as denominações deste tipo⁵.

² Segundo Mariano (1999), os limites da proposição de Freston se encontram na dificuldade em classificar novas denominações. Por exemplo, corre-se o risco de classificar igrejas semelhantes às igrejas surgidas na “segunda onda” como “terceira onda”, apenas por terem sido criadas num período considerado como “terceira onda”.

³ Como exemplos estão as Igrejas Congregação Cristã do Brasil (1910) e Assembléia de Deus (1911).

⁴ As Igrejas Deus é Amor (1962), Brasil para Cristo (1955) e Evangelho Quadrangular (1952) são exemplares do deuteropentecostalismo.

⁵ Outros exemplos de destaque são a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Sara Nossa Terra (1976) e mais recentemente a Igreja Mundial do Poder de Deus (1998).

Retomando o tema da efervescência dos debates sobre religião e política, o regime democrático, em curso na década de 1980, potencializou a entrada de novos atores sociais na política partidária e sindical, pautas de sindicatos e movimentos sociais diversos ganharam força. Lideranças religiosas se engajaram no propósito de se tornarem representantes políticos, tanto agentes considerados mais à “esquerda” engajados na Teologia da Libertação, quanto mais à “direita” agregados em grupos mais conservadores, representando certa parcela de evangélicos.

Estavam em curso, então, dois processos relacionados e concomitantes. De um lado, o recrudescimento dos pentecostais, tanto diversificação de instituições religiosas quanto crescimento do número de fiéis, por consequência das mudanças introduzidas pelas igrejas neopentecostais, que influenciavam as outras denominações. De outro, o aumento do interesse desses atores em influenciar politicamente. Entre os desdobramentos atuais deste contexto esta a cristalização da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), também referida como bancada evangélica, da qual a atuação divide opiniões de especialistas e sociedade civil e levanta o debate sobre laicidade, sobre qual o papel da religião no espaço público e seu lugar na modernidade.

O que foi assinalado acima esbarra em dois conceitos, a saber, secularização e a já citada laicidade, ambos são objetos de diversas formulações que disputam legitimidade no campo científico e não estão livres de apreensões políticas. Dentre as tantas formulações da secularização e a título de resumo, correndo riscos de simplificação, utilizo como resumo o que apontou Casanova (1994) tomado em Mariano (2011).

O que normalmente se entende como teoria da secularização, perpassa por três sentidos a secularização como diferenciação de esferas seculares das instituições e normas religiosas secularização como declínio das crenças e práticas religiosas e secularização como marginalização da religião para a esfera privada (CASANOVA, 1994 apud MARIANO, 2011, p.244)

Por sua vez, entendemos a laicidade como a separação formal, jurídica, ou às formas de relação entre Religião e Estado, termo largamente utilizado no debate acadêmico, mas que também é mobilizado pelo senso comum.

A noção de laicidade, de modo sucinto, recobre especificamente à regulação política, jurídica e institucional das relações entre religião e política, igreja e Estado em contextos pluralistas. Refere-se, histórica e normativamente, à emancipação do Estado e do ensino público dos poderes eclesiásticos e de toda referência e legitimação religiosa, à neutralidade confessional das instituições políticas e estatais, à autonomia dos poderes político e religioso, à neutralidade do Estado em matéria religiosa (ou a concessão de tratamento estatal isonômico às diferentes

agregações religiosas), à tolerância religiosa e às liberdades de consciência, de religião (incluindo a de escolher não ter religião) e de culto (MARIANO, 2011, p. 244).

Esta sucinta apresentação trouxe algumas considerações importantes sobre o trabalho e a definição de conceitos que fazemos referência direta ou indiretamente. Além dela, o trabalho conta com cinco capítulos. No primeiro capítulo, “Pentecostais e Política no Brasil”, tratamos de situar o contexto da inserção dos evangélicos pentecostais na política institucional brasileira, e apresentar a IURD como ator de destaque neste campo político. No segundo capítulo, “A denominação (não só) da política”, mostramos como a IURD se estrutura de forma a atuar em diversas frentes. Apresentamos seus aspectos teológicos mais relevantes, bem como, sua eficiência econômica, midiática e política, sustentando sua relevância enquanto objeto. Reservamos ao terceiro capítulo, “A pesquisa”, à exposição da metodologia empreendida na pesquisa e a descrição detalhada do jornal Folha Universal. O contexto político, a análise e as considerações sobre o que o jornal trouxe de conteúdo nas eleições de 2010 e 2014 estão, respectivamente, no capítulo quatro e cinco. No capítulo seis, traço as considerações finais destacando a mudança parcial de postura observada na pesquisa e suas possíveis explicações.

Capítulo Um - Pentecostais e Política no Brasil

O paradigma da secularização é tido por Paula Montero (2013) como pouco explicativo para o caso brasileiro. Se colocando no debate sobre secularização e laicidade, Montero (2013) afirma que, no Brasil, a origem da separação das esferas sociais e, por consequência disto, a laicidade, tem como ator de destaque a Igreja Católica. Segundo a autora, “ao invés de se constituírem em obstáculo à emergência de uma política de autodeterminação, o caminho para a separação Igreja/Estado foi aberto com o auxílio da própria hierarquia católica” (MONTERO, 2013; p.22).

A Igreja contribui duplamente para a construção de uma “comunidade imaginária nacional”: ao participar da construção da estrutura política do Estado imperial conferindo-lhe seus fundamentos éticos e, no momento seguinte, ao dar corpo à contrapartida do Estado e à separação das esferas pela estruturação de uma sociedade civil cada vez mais atuante. Talvez por essa razão, apesar de oficialmente declarada como regime de regulação do religioso na República, a laicidade nunca tenha sido suficientemente forte para produzir uma doutrina política que tome como ilegítima a atuação política da Igreja e sua manifestação no espaço público (MONTERO, 2013; p.23).

No entanto, ao contribuir para a construção da laicidade, a igreja o faz de forma a manter privilégios. Ou seja, ajuda a construir uma “laicidade à brasileira”, como bem destaca Pedro Ari Oro (2011), em artigo que discute a laicidade no Brasil e no ocidente. Este autor separa em três as formas de classificação jurídica dos regimes que vigoram nas nações em relação a sua laicidade, a saber: o regime de “igrejas de Estado”, no qual o Estado possui assumidamente uma religião legal; o regime de separação entre religião e Estado, no qual este mantém relações mediadas por “dispositivos particulares” com uma ou algumas igrejas e religiões, mas não assume uma religião legal; e o regime de separação entre igreja-Estado, que segundo Oro (2011) é o regime que vigora no Brasil.

Oro (2011) estava interessado em investigar a especificidade da laicidade brasileira, para isso recorreu à história da relação entre Estado e Igreja Católica no Brasil. Mostrou que no período colonial (1500-1822) e imperial (1822-1889) o catolicismo era a única religião legalmente aceita no país. A Constituição republicana de 1891 foi o momento em que houve a separação entre Estado e igreja, e a perda do monopólio por parte da Igreja Católica. No entanto, Oro (2011) concluiu que o modelo de laicidade brasileiro, apesar de prever a separação entre Estado e religião, na prática deve ser relativizado, pois a despeito da separação entre Estado e instituição religiosa estar presente desde a Constituição de 1891, a Igreja Católica manteve relações privilegiadas com o Estado: A “Igreja Católica

geralmente ocupou um lugar de destaque na arena pública ao mesmo tempo em que não se distanciou do poder político” (ORO, 2011; p.229).

No mesmo sentido, Maria das Dores Campos Machado (2012; p. 32) afirma que “o princípio legal de separação entre Estado e Igreja não retirou a religião da arena pública brasileira”. Ressaltando o tratamento privilegiado que o Estado concede a Igreja Católica, a autora afirma que

ainda que tenham ocorrido mudanças nos dispositivos de regulação jurídica da relação entre Igreja e Estado nas constituições de 1945, 1967, 1969 e de 1988, essas alterações não eliminaram os privilégios concedidos à Igreja Católica, que continuou a se beneficiar, mais do que qualquer outro grupo religioso, dos auxílios financeiros, das isenções de impostos e das parcerias com as agências governamentais (MACHADO, 2012; p.31).

Foi em oposição à relação entre Estado brasileiro e Igreja Católica, discutida sucintamente nos parágrafos anteriores, que os evangélicos se mobilizaram politicamente no contexto do período de redemocratização na década de 1980 (NOVAES, 2002; FRESTON, 1993). Segundo Novaes (2002, p.83), os evangélicos se organizaram com o intuito de se contrapor a “suspeita de que a nova Constituição poderia declarar o Brasil como um país oficialmente católico”.

Paul Freston (1993) estudou a irrupção dos evangélicos na política brasileira, no contexto das eleições de 1986, em sua tese de doutoramento. Sua análise demonstra que essa politização evangélica ocorreu de maneira orquestrada principalmente pela cúpula da Assembléia de Deus e destaca dois motivos para a irrupção: assegurar a liberdade religiosa e a moralidade evangélica.

Por um lado, havia a possibilidade da Igreja Católica se tornar a religião oficial do país, receio evangélico fundamentado, por exemplo, na institucionalização em 1980 do feriado de 12 de outubro, em referência a Nossa Senhora Aparecida. De outro, acreditava-se na possibilidade de instituição de um regime comunista, tendo-se por base a legalização dos partidos comunistas, em 1985. Estes são fatores que colocariam em perigo a ideia de “liberdade religiosa”, fazendo com que os evangélicos perdessem espaço perante os católicos ou tivessem a liberdade de culto perseguida pelos comunistas (Freston, 1993).

O outro motivo se baseava na ideia de ameaça à moralidade evangélica que constituía a necessidade de defesa da família perante questões que poderiam ameaçá-las como: “legalização do aborto, das drogas, do casamento homossexual e do casamento como livre contrato” (FRESTON, 1993; p. 216), pautas sob as quais supostamente já se havia grupos organizados.

Para Freston (1993) foram esses os principais fatores de mobilização para a substituição da postura apolítico⁶ característica dos evangélicos, principalmente pentecostais, até a década de 1980, pela atuação política engajada que se verifica ainda nos dias hoje. O modo de fazer política inaugurado pelos pentecostais, nas eleições de 1986, tem como base uma articulação das denominações para eleger candidatos que as representem. Não são candidatos isolados, políticos que por acaso são evangélicos, e sim evangélicos que se tornaram políticos com o carisma e apoio de suas denominações e, sobretudo, para representar os interesses de suas denominações no congresso nacional (FRESTON, 1993).

Leonildo Campos (2002) contribui ao criar uma tipologia que nos ajuda a visualizar e classificar as mudanças nos perfis do político evangélico pós-constituente. Para Campos (2002), os políticos evangélicos podem ser classificados em “políticos evangélicos” e “políticos de Cristo”. Os primeiros se caracterizam por já possuírem um capital político e econômico, e que buscavam votos nas diversas igrejas evangélicas e contavam com um discreto apoio destas (CAMPOS, 2002). O segundo são candidatos que surgem após 1986: é o político que “empresta a sua personalidade para ser usada como um instrumento da confissão religiosa que o escolheu candidato e fez dele o seu defensor na fronteira política” (CAMPOS, 2002; p.2).

Campos (2002) destaca que o “político de Cristo” é um ator criado pela Igreja através da transferência do carisma institucional que ela detém, tendo a missão divina de exorcizar a vida política nacional. Dessa forma, seu mandato deve servir aos interesses da Igreja que o elegeu, com vistas a não perder este apoio.

é importante não perder o apoio delas [Igrejas], pois sem elas o “político de Cristo” nada é, e perde a função de locutor de um discurso que não lhe pertence. O “político de Cristo”, tal como o pastor, “o homem de Deus”, é uma figura vazada, que a instituição, as massas ou as circunstâncias preenche (CAMPOS, 2002; p.30).

É a Igreja quem “produz” este “político de Cristo” com vistas a ter representantes participando do jogo político e defendendo suas pretensões. São várias as estratégias empregadas para forjar este político como, por exemplo, a oposição ao político evangélico que pedia voto na frente da igreja e depois não defendia as demandas da igreja, ou evocando a capacidade do candidato de, como cristão empenhado, moralizar a política (CAMPOS, 2002).

⁶ Leonildo Campos esclarece que “a opção pela não participação política na sociedade nunca deixa de ser também uma forma de participação política, inclusive considerada hipócrita pelos que dela participam consciente e abertamente” (CAMPOS, 2010; p.50).

Dentro deste contexto, a Igreja Universal do Reino de Deus é um dos atores de destaque na produção desse tipo de político e o ator religioso referência no campo da política. Pelas estratégias de sucesso empregadas em sua empreitada na política é tida como uma das igrejas protagonistas neste campo por uma série de pesquisadores (MARIANO, 1999; NOVAES, 2002; ORO, 2002; ORO, et al 2003; MACHADO 2006 e 2012; CAMPOS 2002 e 2010, BAPTISTA 2007, dentre outros incontáveis trabalhos).

Este capítulo delineou, de modo geral, as relações entre religião e política institucional no Brasil, traçou a forma como se deu a irrupção dos evangélicos na política, destacando o caso da Igreja Universal como exemplar. A seguir, apresento mais detalhes sobre esta instituição, seu rápido crescimento, e sua atuação de destaque nos campos religioso, político e midiático.

Capítulo Dois - A denominação (não só) da política.

A Igreja Universal do Reino de Deus foi criada em 1977 e pode ser adjetivada de duas maneiras: polêmica e bem-sucedida. Polêmica porque frequentemente está no centro de controvérsias com a Igreja Católica, com as Religiões afro-brasileiras e com outras igrejas pentecostais, principalmente a Igreja Mundial do Poder de Deus. Também afirma ser alvo constante de acusações por parte da mídia secular, da qual considera ser perseguida, principalmente pela revista *Veja*, Rede Globo e jornal *Folha de São Paulo*⁷. Nestas mídias vai a público grande parte das notícias polêmicas⁸ relacionadas à IURD, dentre essas, acusações de enriquecimento ilícito, manipulação de fiéis, charlatanismo, corrupção de políticos ligados à igreja, fraudes nas obras de construção dos templos, e mais uma série de assuntos, que por vezes também atacam diretamente a pessoa do bispo Edir Macedo, fundador e líder máximo da igreja. Para citar o mais famoso: o caso do “chute na santa”, no qual, em rede nacional, um pastor da IURD aplicou um chute em uma imagem de Nossa Senhora, que foi constantemente repetido nos telejornais e tomou proporções gigantescas.

Nos casos em que ataca, é bastante arrojada. Nos casos em que é atacada, utiliza o discurso de que sofre perseguição e é injustiçada. Normalmente a estratégia varia de acordo com o tamanho do “demônio” com quem trava a luta, e é difícil precisar se as controvérsias são positivas para Igreja e seu crescimento, como indicou Clara Mafra (1999), ou se têm consequências tão negativas quanto parecem como quando ecoadas pelo senso comum.

Fato é que, a despeito de ser polêmica, a IURD também é bem sucedida. Seu sucesso vai além do campo religioso e verifica-se na economia, na política e no controle que faz das mídias de comunicação. O sociólogo da religião Ricardo Mariano (1999) apresenta números que expressam o vertiginoso aumento do número de fiéis e templos da

⁷ Bispo Macedo refere-se a Globo e ao Vaticano em entrevista a revista “Isto é”: http://istoe.com.br/256085_O+CEU+E+O+INFERNO+NAO+SAO+FOLCLORE+/ - A Folha Universal faz menção a *Veja*, grupo Globo e *Folha de São Paulo* na edição n.968 de 2010. A revista “*Veja*” aparece em matéria publicada em 27/10/2013 <http://www.universal.org/noticia/2013/10/27/a-imprensa-e-o-dever-da-verdade-23988.html>. O grupo *Folha* aparece em postagem do blog do bispo Macedo <http://blogs.universal.org/bispomacedo/2010/06/18/campanha-do-grupo-folha-nao-para/>.

⁸ Para ver alguns dos casos detalhadamente consultar Mariano (1999). Para ver especificamente a controvérsia com a Mundial, consultar Almeida (2009). Segue no link a notícia de uma polêmica recente <http://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/universal-pagara-300-mil-fiel-que-abandonou-tratamento-contras-aids-em-nome-da-cura-pela-fe-17400803>.

IURD⁹, que em 1988, com pouco mais de 10 anos de existência, já possuía 437 templos espalhados por 21 estados brasileiros e Distrito Federal, e começava a se aventurar em outros países (MARIANO, 1999, p.65). Atualmente, 38 anos após sua fundação, fala-se de sua presença em aproximadamente 200 países e que o número de templos ultrapassa a casa dos 5.000, contando-se apenas os situados no Brasil¹⁰.

No que se refere à questão teológica, a IURD se baseia na Teologia do Domínio (MARIANO, 1999), que envolve uma luta de Deus contra demônios. É geradora do que Mariz (1999) chama de Teologia da Batalha Espiritual, demonizando outras religiões e defendendo o sucesso de Deus na luta contra os demônios. Dessa teologia implica o foco dos cultos iurdianos no exorcismo. Com base na existência de uma guerra de Deus contra os demônios pelo domínio da humanidade é capaz de “atualizar” os inimigos aos quais deve enfrentar (ALMEIDA, 2009, 2012). A simbologia do demônio, então, tem grande destaque nesta igreja.

Outro aspecto teológico é central nesta denominação, a Teologia da Prosperidade, que prega que diante a contrapartida do fiel, na forma do dízimo, Deus tem a obrigação de fazer de sua vida vitoriosa e prospera em riqueza (MARIANO, 1999). Segundo Mariano (2003), a Teologia da Prosperidade e a lógica de estar em uma relação de “sociedade com Deus”, condição a qual o fiel é elevado, é o carro chefe da ascensão econômica da IURD.

Apesar dos dados, muitas vezes imprecisos e fantasiosos (de certa forma propositalmente, para gerar maior visibilidade) é inegável o seu poder econômico. Poder do qual frequentemente dá demonstrações, inclusive, esforça-se para que seu tamanho pareça maior do que realmente é, como, nos casos da localização dos templos e do tamanho imponente (ALMEIDA, 2009). Como exemplo, a IURD inaugurou há pouco mais de dois anos o “Templo de Salomão”, que de tamanha grandiosidade foi notícia mundo a fora, como no jornal mundialmente reconhecido “The New York Times”. Este fato foi replicado pelas mídias da IURD¹¹ como prova da grandeza de sua obra, nos dois sentidos da palavra, dizendo respeito tanto à sua prosperidade, quanto a suas magníficas catedrais que disputam espaços nas grandes cidades com as Igrejas Católicas.

A eficiência econômica e gerencial da IURD está na base da construção de um

⁹ Apesar de seu rápido crescimento e expansão mundial, a IURD teve e tem dificuldades em alguns contextos específicos, indico a leitura de Freston (2003) e Gracino Jr. (2016).

¹⁰ Dados disponíveis, respectivamente, em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/censo-2010-aponta-migracao-de-fieis-da-universal-do-reino-de-deus-para-outras-igrejas.htm> <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533814-megatemplo-consolida-posicao-da-universal-no-mercado-das-religoesq>.

¹¹ Folha Universal (Especial) edição n.1166 p.10 (De 10 a 16 de Agosto de 2014).

verdadeiro império no setor de comunicações, dentre suas mídias estão: a “Rede Aleluia”, com mais de sessenta emissoras de rádio; um portal na internet, o “universal.org”, que concentra seus serviços na web, inclusive sua TV on-line; a “TV Universal”; e o jornal impresso “Folha Universal”, objeto dessa pesquisa¹². Além disso, controla a segunda maior emissora de TV do Brasil, a Rede Record, cuja aquisição gerou grande polêmica e é tida como um dos motivos que alavancou o já alto crescimento da IURD (CARRANZA, 2013).

Segundo Brenda Carranza (2013, p.542), a IURD é a “herdeira mais representativa” de algumas das características do televangelismo norte-americano, como a “linguagem persuasiva” e a grande “espetacularidade”. Apesar da semelhança, o sociólogo Alexandre Brasil Fonseca (2003) ressalta que o televangelismo norte-americano e o praticado pela IURD diferem do ponto de vista financeiro. Enquanto o televangelismo norte-americano visa o lucro e a manutenção financeira de outros projetos, “a Universal não entra na mídia com o objetivo de arrecadar recursos, mas sim para divulgar seus produtos e atrair novos seguidores. Estes pagarão pelos serviços que utilizarão e poderão engrossar seu rol de dizimistas” (FONSECA, 2003, p.278).

Detentora da capacidade de atrair novos fiéis, a mídia passa a ser meio necessário para o crescimento das igrejas. Além da possibilidade de compra de mídias, ou do aluguel de espaços em emissoras de rádio e TV, o que gera grande dispêndio, a outra forma de entrada neste universo é através de concessões de emissoras de rádio e TV, que são distribuídas pelo Ministério das Comunicações. Nesse sentido, há muita disputa em torno dessas concessões, que por isso, demandam grande influência política (CARRANZA, 2013, p.542).

Além dos motivos elencados no tópico anterior, a irrupção dos evangélicos na política no período de redemocratização também pode ser vista por este prisma. Influenciar politicamente a favor de sua denominação conquistando concessões midiáticas para a mesma é um dos objetivos do “político de cristo”. “A mídia evangélica é também meio de projetar-se na política, e a política é caminho para posse dos meios de comunicação” (FREESTON, 2013, p.146).

As primeiras candidaturas da IURD foram lançadas nas eleições de 1982. Seu primeiro candidato eleito foi na eleição de 1986¹³. À partir de então é recorrente a presença dos seus candidatos nas bancadas eleitas (MARIANO, 1999). A título de exemplo, em

¹² Dados disponíveis em <http://www.universal.org/institucional/midias-da-universal.html>.

¹³ O candidato eleito era bispo e fundador da igreja, Roberto Augusto Lopes, que veio a abandonar igreja antes do fim do mandato (CAMPOS, 2002).

cinco eleições, de 1998 até as eleições de 2014, a IURD elegeu um total 35 candidatos ao Legislativo Federal (TADVALD, 2015).

Alguns autores ressaltam aspectos que sustentam o sucesso da IURD. Segundo Mariano (1999), esse sucesso é sustentado, em parte, em sua organização de poder centralizador, no carisma de seus líderes, nos usos que faz de seu poder midiático e da disciplina de seus pastores e fiéis.

Para Machado (2012), o sucesso da IURD resulta de “um rápido processo de formação de lideranças”, da “intensa socialização dos fiéis”, e da “adoção do modelo corporativo de representação política com o lançamento de candidaturas oficiais” (MACHADO, 2012; p.35).

Para Oro (2003), o sucesso iurdiano no campo político também resulta da adoção do “modelo corporativo da candidatura oficial” para escolha do candidato, e da utilização na campanha de sua estrutura midiática, e de seus templos para sua publicidade. Oro (2003) entende que ao utilizar seus símbolos religiosos na política, a IURD empresta sentido religioso ao discurso político.

Segundo Oro (2003), a IURD causa um “efeito mimético” no campo religioso, pois as outras igrejas a veem como referência no campo da política. No entanto, reitera que sua influencia se dá em maior grau no campo religioso, ou seja, a IURD como ator religioso atuando na política influencia bem mais a religião que a política. Mesmo com essa ressalva, chama a atenção para o fato de os partidos, notando a influencia política da IURD, estão buscando seu apoio e assediando seus candidatos para suas legendas.

Se no passado o “partido preferido” da IURD para alocar seus candidatos era o Partido Liberal (PL), no qual o bispo Rodrigues¹⁴ tido na época como o principal articulador político da Igreja tinha grande influencia, nota-se que nas últimas eleições os candidatos da IURD se agruparam no Partido Republicano Brasileiro (PRB). Após escândalos de corrupção¹⁵, que envolveram políticos evangélicos, muitos da IURD, até então tidos como exemplares, a denominação que desde 1986 só via crescer o número de representantes nos cargos eletivos, em 2006, primeira eleição após os escândalos, foram poucos os eleitos (BAPTISTA, 2007). O crescimento foi reestabelecido em 2010 e em 2014, mas não sem algumas consequências, por exemplo, as “marcas” indenitárias

¹⁴ Foi afastado dos assuntos políticos da IURD, também do cargo eclesial, após se envolver no escândalo do “mensalão” (BAPTISTA, 2007).

¹⁵ Principalmente o caso que ficou conhecido como “sanguessugas”, que consistia em superfaturamento de ambulâncias, mas também do “mensalão”, um esquema de compra de voto de parlamentares da base aliada do PT (BAPTISTA, 2007).

amplamente acionadas na campanha pelos candidatos, como o título de pastor, bispo, e o adjetivo de “Cristo” foram evitadas, e a IURD concentrou-se na estruturação do PRB.

As eleições de 2010 e 2014 deixaram evidente a relação entre a IURD e essa legenda. Nestas duas disputas, os candidatos eleitos desta denominação, sem exceções, concentraram-se nesta legenda¹⁶. Essa relação também é perceptível quando olhamos para a composição da cúpula nacional do PRB. O presidente nacional do partido Marcos Pereira, que se licenciou do cargo para ocupar o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços do governo de Michel Temer, é bispo licenciado da IURD. Em exercício no cargo de presidente do partido está Eduardo Lopes, também bispo da IURD. Em 2010, o cargo também era ocupado por um bispo da igreja, Vitor Paulo, que deixou o cargo 2011.

Em Minas Gerais, esse quadro não muda, a presidência estadual do partido é ocupada por Gilberto Abramo, mais uma vez um bispo da IURD. A ligação é tamanha que os projetos da IURD e do PRB se entrelaçam, como apresentado por Gutierrez (2015), os projetos da Força Jovem Universa (FJU) e do PRB Jovem sofrem confluência, sendo difícil separar um do outro.

A recente eleição para a prefeitura do Rio de Janeiro, nas eleições deste ano de 2016, é emblemática do poder político da denominação e da capacidade que tem de formar entre seus membros políticos com notório sucesso. Marcelo Crivella recebeu 842.201 votos (27,78%), e foi ao segundo turno com Marcelo Freixo (PSOL), que teve votação de 553.424 votos (18,26) no primeiro turno. No segundo turno Crivella saiu vitorioso com a votação 1.700.030 votos (59,36). A Igreja Universal do Reino de Deus é um ator central para entendermos as atuais relações entre religião e política no cenário nacional. Além de ajudar na criação de candidatos e controlar uma sigla partidária que cresce a cada eleição, a IURD tem, em seu domínio, uma série de mídias oficiais das quais se utiliza em vistas de obter sucesso em suas empreitadas. É justamente através da análise de uma dessas mídias que essa pesquisa se construiu, sustentada pelo seguinte trecho de Regina Novaes, sobre as relações entre mídia, religião e política: “Para o bem ou para o mal, não há política sem mídia e também as religiões não seriam as mesmas sem o uso que fazem da mídia” (NOVAES, 2002, p.89).

Dessa forma, a pergunta que fazemos é: Qual é e como se dá as relações entre a Igreja Universal do Reino de Deus e a política brasileira? Entendemos que voltando o olhar

¹⁶ Chegou-se a esse dado ao analisar os quadros elaborados por Tadvall (2010 e 2015) e os dados do Diap referentes a essas eleições.

para uma de suas mídias, o jornal Folha Universal, encontraremos pistas que nos ajudem a entender mais sobre como sua ação se dá no meio político.

Para tanto, tivemos como objetivo geral estudar as relações entre religião e política no Brasil contemporâneo, mais especificamente procurou-se analisar como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) mobilizou uma de suas mídias no que se refere ao tema da política e eleições.

Como objetivos específicos procurou-se: investigar o conteúdo político do jornal; identificar políticos ligados a instituição; estudar as estratégias eleitorais da IURD; compreender a relação entre candidato e denominação religiosa; analisar o comportamento frente a disputa presidencial.

Capítulo Três - A pesquisa

O principal material empírico do qual esta pesquisa se dispôs é composto pelo jornal “Folha Universal”. Esta escolha se justifica pela facilidade no acesso ao jornal, que além de ser distribuído gratuitamente nos templos da IURD, também está disponível no portal da denominação da internet. Outro fator essencial que baliza a escolha é o grande alcance do jornal, que nas edições analisadas tem tiragem que ultrapassa às 1.600.000 cópias. Além disso, trata-se de um órgão oficial onde a instituição expressa suas concepções e se posiciona junto aos eventos políticos.

Optamos por analisar as edições do jornal correspondente aos períodos de julho a outubro das duas últimas eleições presidenciais - 2010 e 2014 - nas quais também estão em disputa os cargos de governador, senador, deputado federal e estadual. Este recorte nos deu possibilidade de comparar como o jornal foi utilizado pela IURD nos dois períodos e, assim, perceber as alterações de enfoque e posicionamento que podem ter ocorrido. A crítica da qual estamos sujeitos é a de que, neste período, o jornal sofre grande influência do processo eleitoral, o que faz com que escape de nosso alcance o entendimento da especificidade do jornal em outros períodos, não “contaminados” pela proximidade da disputa política.

Porém, para os objetivos aqui propostos, é justamente a influência dos períodos eleitorais que nos é interessante. Dessa forma, este recorte é sustentado pelo conceito de “tempo da política” (HEREDIA; PALMEIRA, 2006) que diz respeito ao período no qual a política deixa de ser atividade exclusiva de políticos, partidos e profissionais que analisam tais conjunturas e passa a ser parte integrante da vida cotidiana da população. Assim, o período selecionado para pesquisa é o de maior visibilidade dos temas da campanha eleitoral, momento no qual se espera que o jornal seja povoado por temas relacionados à efervescência das eleições, bem como, usado como meio que faça os (e)leitores aderirem às propostas dos candidatos da IURD.

A pesquisa pautou-se pela utilização de métodos qualitativos e quantitativos. De modo geral é comum que os cientistas sociais associem a pesquisa qualitativa, ou micro-análise, aos antropólogos e o trabalho quantitativo em larga escala aos sociólogos, economistas e cientistas políticos. Dessa forma, pode parecer que são dois pólos opostos e em conflito, havendo partidários de um e de outro, o que não faz sentido à medida que os métodos e as técnicas de estudo devem ser definidos à posteriori, ou seja, depois de definido o objeto de estudo e o enfoque teórico. Assim, fica evidente que os métodos de

pesquisa devem estar “fundamentalmente relacionadas aos suportes teóricos, às propostas de investigação e aos problemas empíricos que instigam o pesquisador” (CONCONE, 1998, p. 136).

Na questão quantitativa, aprofundamos no estudo das tiragens do jornal no intuito de produzir quadros que sistematizassem a frequência com que os assuntos relacionados a política e as eleições tiveram destaque no jornal. Do ponto de vista qualitativo, a metodologia utilizada para a elaboração desta pesquisa foi a análise documental. Ela “consiste em uma série de operações que visam estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionadas” as questões propostas pela pesquisa (RICHARDSON, 1985, p.182). Dessa forma, identificamos em nossa amostra – trinta e sete edições, totalizando mil cento e oitenta e quatro páginas¹⁷ - as matérias que tinham como tema central as eleições, a política, os políticos, ou que, falando sobre temas variados, remetiam a políticos, partidos, e construíam posturas esperadas quanto ao fazer política em geral.

Além disso, utilizamos como fontes de pesquisa sites de notícias disponíveis na internet, e sites institucionais, principalmente o site do PRB - www.prb10.org.br - e o site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) - www.tse.jus.br - nos quais encontramos informações sobre os políticos, sobre os quais encontramos referência no jornal.

A seguir, procuramos descrever o jornal a fim de torná-lo familiar aos leitores. Posteriormente, traçamos um quadro geral das duas eleições presidenciais, em seguida apresentamos como o tema da política apareceu nas edições nos dois períodos focalizados. Na parte final, fazemos a comparação entre os períodos analisados, valorizando as continuidades e os deslocamentos percebidos na pesquisa, além disso, são feitos alguns apontamentos, inferências e levantadas hipóteses que indicam outras investigações.

A Folha Universal

O Jornal “Folha Universal” é uma das mídias pertencentes a Igreja Universal do Reino de Deus, o grupo conta também com revistas, emissoras de radio e TV. O jornal, fundado em 1992, atualmente tem tiragem semanal de mais de um milhão e seiscentos mil exemplares e é distribuído gratuitamente nos Templos da IURD. O jornal tem sua versão virtual das edições anteriores e atuais disponibilizadas no sítio www.universal.org/folha-universal, das quais esta pesquisa se utilizou.

¹⁷ Edições n.951 à n.969 de 2010. E edições n.1160 à n.1177 de 2014.

As edições analisadas são referentes aos meses de julho a outubro dos anos de 2010 e 2014. Ambos os recortes são períodos eleitorais, o que nos proporciona comparar possíveis mudanças de enfoque das abordagens.

A Folha Universal de 2010 apresenta dois cadernos, o caderno principal e o caderno secundário intitulado “Folha IURD”. Ao todo são trinta e duas páginas que versam sobre muitos temas variados. O caderno é dividido em onze seções, podendo, ainda, conter subdivisões. Apresenta uma gama de temas com diferentes abordagens, notícias, opiniões, entrevistas, denúncias, são os diversos formatos que os temas ganham no semanal. As matérias de nosso interesse perpassaram por diversas seções deste caderno, principalmente as seções “Capa”, “Geral”, “Brasil em Xeque”, “Especial” e “Ponto de Vista”, que tratavam durante o período analisado de temas caros à política.

Na “Folha IURD” encontra-se temas referentes a atuação evangelística da igreja, informações sobre os templos, cultos, testemunhos, enfim, assuntos relacionados a divulgação da atuação da denominação. Tem destaque o espaço com uma mensagem espiritual do bispo Macedo, as notícias do trabalho da Força Jovem Universal, e a seção “Política e Fé”. Deste caderno, a seção “Política e Fé” foi a mais explorada por esta pesquisa, já que divulga a atuação dos políticos da Igreja e apresenta a opinião destes sobre diversos temas.

As edições de 2014 estão dispostas em trinta e duas páginas, divididas em dois cadernos: caderno principal, contendo vinte páginas; e caderno B, com doze páginas. O caderno B informa as ações da IURD e o seu universo interno, trabalhos sociais, esforços de evangelização, traz entrevistas com casais da igreja, além de reservar espaços que têm as mulheres como público alvo. Há ainda uma coluna do Bispo Edir Macedo, que traz interpretações de passagens bíblicas.

No caderno principal encontramos a matéria de capa de cada edição. Este caderno tem seções informativas que versam sobre assuntos como política, saúde, conselhos para o mercado de trabalho, dicas de alimentação, de como gerir as finanças, educação dos filhos, acontecimentos gerais, dentre outros assuntos. Além disso, incluiu seções opinativas como a coluna “ponto de vista”, presente em todas as edições, na qual há revezamento temático e de assinatura, e também o editorial, que indica a opinião dos editores sobre as questões mais importantes da edição.

Observa-se que nos dois períodos analisados o jornal apresenta características bem parecidas em relação à disposição dos temas e a divisão dos cadernos. Dentre as novidades que podem ser apontadas de um período a outro, estão um maior espaço para temas

dirigidos as mulheres e relacionamentos e a criação de uma seção em que trata de assuntos relacionados ao mercado de trabalho. Além disso, a ausência de uma seção exclusiva sobre política nas edições de 2014 tem grande relevância para a finalidade dessa pesquisa.

A Folha Universal de nº 1165 traz uma matéria que ilustra bem o modo como a IURD trata do semanal. Com o título de “Você conhece o que está lendo?”, é interessada em mostrar o alcance e a importância do mesmo para o leitor, a matéria afirma que o jornal se destaca dentre as ferramentas evangelizadoras utilizadas pela IURD. Nela é apresentada uma fala do pastor Thiago Pessoa, um dos responsáveis pelo grupo Força jovem Universal (FJU)¹⁸, no qual afirma que “todo o conteúdo, o tema criativo e o objetivo escolhido como capa a cada semana chamam a atenção do leitor. Matérias seculares e da atualidade cativam a atenção, trazendo equilíbrio ao conteúdo do jornal. É o material mais completo que temos” (Folha Universal, 3 Ago. 2014: b2).

Em tese intitulada “As estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus”, Penha Rocha (2006: 83), afirma que a Folha Universal “tem como principal característica sua linha editorial tendenciosa”. Cita depoimento de Lionel Mota, programador, que trabalhou na folha, no qual afirma que com a aproximação do período eleitoral o jornal era usado para ataques aos concorrentes dos candidatos da IURD, e que os bispos exerciam grande pressão sobre o conteúdo do jornal (ROCHA, 2006: 83).

Portanto, a Folha Universal é entendida tanto como meio de evangelização, quanto como mídia informativa e potencialmente proselitista. Considero importantes algumas considerações sobre o contexto dos dois períodos. Em linhas gerais, apresento os candidatos envolvidos e os temas que pautaram as disputas. Faço-as a seguir, destacando algumas interpretações de pesquisadores quanto à influência que teve a religião sobre agenda política e sobre o resultado das eleições.

Campo e *habitus* em Bourdieu.

Faz-se necessária referência a dois conceitos que utilizaremos, diga-se, o conceito de campo e o conceito de *habitus*, elaborados por Pierre Bourdieu. De certa maneira, o conceito de campo de Bourdieu (1998) está relacionado ao espaço social de inserção dos atores sociais. Estes campos congregam uma série de disputas entre agentes em busca do

¹⁸ É o “grupo de jovens” da Igreja Universal, dentre suas atribuições principais está a evangelização e a prestação de trabalho assistencial para dependentes químicos e pessoas em situação de vulnerabilidade social.

acumulo de capitais - a exemplo do campo religioso, sacerdotes e leigos estariam lutando por capital religioso – com uma estrutura dinâmica de distribuição de poder. Segundo Bourdieu,

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objecto que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há de fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial de suas propriedades. Por meio dela, torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista ou, para dizer como Cassirer, substancialista: é preciso pensar relacionalmente (BOURDIEU, 1998, p 27).

Por sua vez, pensando o campo religioso, este é o campo no qual há uma disputa pelo monopólio da produção dos bens de salvação, campo em que o capital nele gerado e em disputa é carregado simbolicamente. Com relação ao campo religioso Bourdieu (2005) assinala que:

A constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal (BOURDIEU, 2005, p.39).

O autor destaca que a religião assume uma função ideológica e política: “a religião está predisposta a assumir uma função ideológica, função prática e função política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, que só poderá cumprir na medida em que possa suprir uma função lógica e gnosiológica” (BOURDIEU, 2005: 46). Portanto, podemos considerar a existência de uma relação constante desta com o mundo, na qual age política e ideologicamente. Na medida em que dá legitimidade a determinadas práticas sociais a religião influencia nos modos de atuação política.

O campo religioso produz um capital especificamente religioso, mas que enquanto capital simbólico informa outros campos, no caso de nossa pesquisa o campo político. Entendemos que as estratégias da IURD tendem a este processo, informam a ação de seus fiéis no campo político, através da mobilização de um capital simbólico gerado no campo religioso. Veremos que isso foi uma constante nas eleições de 2010.

A ideia de *habitus* está intimamente associada a noção de campo, se entendemos o campo como um espaço social preenchido por questões em disputa, o *habitus* constitui as

pré-disposições dos agentes em concorrer neste espaço designado pelo campo. Segundo Bourdieu, o *habitus* é:

um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que poder estar objectivamente em conformidade com os interesses objectivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidas para esse fim (BOURDIEU,1983, p.124).

Fica claro que isso não quer dizer que o *habitus* se resume ao que é individual, como exclusivo do individuo, pelo contrário, a ideia de *habitus* é importante, pois, se relaciona justamente aos aspectos sociais, disposições para operar na realidade internalizadas e dependentes da posição e do deslocamento dos agentes dentro do campo. Sendo assim, entendemos que os fiéis, revestidos por um *habitus* evangélico definidor de sua percepção de mundo, está suscetível a influencia da simbologia acionada pela IURD para interferir no campo político.

Capítulo Quatro - As eleições 2010

Assistimos de quatro em quatro anos, desde o fim do governo dos Militares, o estreitamento dos vínculos das relações entre religião e política. A IURD, desde 1989, participa ativamente da campanha eleitoral, apoiando candidatos e influenciando os eleitores pentecostais. Em 1989, a IURD apoiou Fernando Collor do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), eleito, em detrimento de Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1994 e 1998, apoiou o candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Fernando Henrique Cardoso, eleito nas duas oportunidades, tendo, em ambas, novamente Lula como principal concorrente. No primeiro turno das eleições de 2002, a Universal apoiou Anthony Garotinho, candidato pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), que ficou em terceiro lugar, atrás de Lula (PT) em primeiro e José Serra (PSDB) em segundo lugar. No segundo turno desta eleição, ajudou a eleger Lula, pela primeira vez, tendo repetido apoio ao candidato do PT em 2006 (ORO; MARIANO, 2010).

Para as eleições de 2010, após dois mandatos consecutivos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o país passava por um período considerado estável, com bons índices de desenvolvimento econômico e uma política de assistência social que conquistou considerável avanço. Os principais postulantes a sucessão de Lula na presidência eram, Dilma Rousseff (PT), candidata que tinha apoio do então presidente, e se beneficiava com a imagem positiva do governo, José Serra (PSDB) e Marina Silva do Partido Verde (PV). A disputa concentrou-se na polarização PT versus PSDB, com a candidata do PV como terceira alternativa.

No que diz respeito aos assuntos de maior audiência nas mídias e nas campanhas, escândalos de corrupção foram recorrentemente focalizados nos dois períodos. O caso de maior repercussão foi o de Erenice Guerra, então ministra-chefe da Casa Civil cargo antes ocupado por Dilma. As notícias colocavam Israel Guerra, filho de Erenice, sob suspeita de participar de um esquema de tráfico de influência. A então ministra da Casa Civil, teve seu nome ligado ao escândalo. O tema pautou parte da campanha dos candidatos, sendo mobilizado com muita veemência por José Serra visando desgastar a imagem de Dilma associando-a a Erenice.

Com a aproximação das eleições as relações entre religião e política se tornaram muito estreitas em 2010, um dos principais assuntos mobilizados pelos candidatos estiveram ligados à religião, ou se preferirem, foram abordados por um viés confessional.

Estou remetendo a posição central e o peso que temas como o aborto e a criminalização da homofobia tiveram ao longo da campanha dos candidatos, e que, tanto foram propositalmente mobilizados pela oposição, quanto foram impostos pelos diferentes grupos religiosos exigindo resposta de seus candidatos ou possíveis candidatos. Essa situação exigiu aos candidatos que se colocassem perante essas questões, se eram a favor ou contra ao aborto, ou casamento entre homossexuais, bem como a qual fé professava. Sobre as eleições de 2010, Oro e Mariano (2010, p.37) concluíram que “verificou-se uma instrumentalização mútua entre política e religião no Brasil e que os maiores grupos religiosos do país conseguiram pautar a agenda, o discurso e compromissos dos presidentiáveis”. Segundo os autores, isso ocorre pela capacidade de influência detida pelos líderes e instituições religiosas. Dessa forma, abordadores como se apresentaram essa “instrumentalização” com foco na IURD.

As edições correspondentes ao período das eleições de 2010 têm uma característica de suma importância para esta pesquisa. Todas as edições analisadas apresentam a seção “Política e Fé”. Essa seção é utilizada como meio de propaganda para os políticos da IURD. Nela, normalmente, constam duas matérias que informam sobre as ações destes políticos, suas atuações frente a temas variados e os projetos de leis produzidos por eles. As matérias acompanham o e-mail do vereador, com o título em negrito de: “fale com o vereador”.

Como exemplo da forma com que o espaço é utilizado, transcrevo a seguir, o texto vinculado na edição n.963 (19/09 a 25/09 de 2010) assinado por Clarisse Werneck e Edir Lima, que leva o título de “Meia entrada solidária – Doadores de sangue terão direito a 50% de desconto em eventos culturais e artísticos em Natal”.

Estima-se que em um hospital geral cerca de 10% dos pacientes internados precisem de doação de sangue. Esse número sobe para 35% no caso dos centros de saúde odontológicos. No entanto, apenas 1,8% dos brasileiros tem o hábito de doar sangue anualmente, ao passo que a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), para que um país seja autossuficiente, é de que 4% a 5% da população se submeta ao processo. Para incentivar a doação, a Câmara Municipal de Natal (RN) aprovou, por unanimidade, projeto de lei do vereador Francisco de Assis que propõe 50% de desconto aos doadores de sangue regulares em eventos culturais e artísticos em cartaz no município. Doadores regulares são aqueles registrados nos bancos de sangue e que se submetem à coleta pelo menos três vezes por ano. Estes terão direito à meia entrada uma vez por semana. Para começar a vigorar, o projeto precisa, agora, ser sancionado pela prefeita. ‘Doar sangue é um ato de amor e solidariedade ao próximo. Por isso, creio que os doadores mereçam ter algum benefício como forma de agradecimento da sociedade, além de motivá-los a nunca deixar de fazer a coleta, o que é muito importante para salvar vidas’,

ênfatisa Assis. O parlamentar ressaltou ainda que os produtores culturais não serão prejudicados (Folha Universal, 2010).

Como visto, a matéria tem o intuito de informar o leitor das atividades do político da igreja. Hoje no PRB, o político em questão, Francisco de Assis, é bispo licenciado da IURD em Natal. Na ocasião da matéria era filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), informação ocultada na matéria. Verificou-se que esse fato se repete sempre que o jornal cita políticos que não pertençam ao PRB. Quando são do PRB, a pertença é ressaltada.

Dentro da seção “Política e Fé”, ainda aparecem outras duas subdivisões: a coluna “Ponto de Vista”; e o quadro informativo chamado de “Cidadania”. A coluna representa um espaço reservado à fala dos políticos da IURD. Através dela, estes apresentam sua opinião sobre temas diversos, como problemas com transporte público, agricultura, meio ambiente. É comum que também apresente alguma ação da qual são favoráveis e que façam propaganda de seu próprio trabalho como político. No quadro 1 estão dispostos os políticos mencionados na seção “Política e Fé” e a respectiva frequência de aparições, mostrando a filiação partidária na ocasião. Neste quadro é possível perceber que dezessete dos vinte e dois candidatos apresentados na seção são representantes do PRB.

Quadro1

Nome	Partido	Cargo	Localidade	Frequência
Tânia Bastos	PRB	Vereadora	Rio de Janeiro (RJ)	5
Gelson Ferraz	PRB	Vereador	Fortaleza (CE)	5
Alfredo Santana	PRB	Vereador	Recife (PE)	5
Washington Barbosa	PRB	Vereador	Cuiabá (MT)	4
Isnard Araújo	PR	Vereador	Salvador (BA)	4
Levino dos Santos Filho (Levino de Jesus)	PRB	Vereador	Teresina (PI)	3
Eron Vasconcelos	DEM	Vereadora	Salvador (BA)	3
Fábio Damasceno	PMDB	Vereador	Valinhos (SP)	3
Waldir Canal	PRB	Vereador	Porto Alegre (RS)	2
Luiz Fernando	PRB	Vereador	Novo Gama (GO)	2
André Luiz Magalhães	PRB	Vereador	Planaltina (GO)	2
Sidelvan Nóbrega	PRB	Vereador	Salvador (BA)	1
Francisco de Assis	PSB	Vereador	Natal (RN)	1
João Mendes de Jesus	PRB	Vereador	Rio de Janeiro (RJ)	1

Paulo Henrique	PRB	Vereador	Piracicaba (SP)	1
Átilio Francisco	PRB	Vereador	São Paulo (SP)	1
Saulo Rodrigues	PRB	Vereador	Ribeirão Preto (SP)	1
Carlos Dutra	PSDB	Vereador	Fortaleza (CE)	1
Arlindo Silva	PRB	Vereador	Belém (PA)	1
Marcelo Crivella	PRB	Senador	Rio de Janeiro	1
Márcio Marinho	PRB	Dep. Federal	Bahia	1
Gilnaci Santos	PRB	Dep. Estadual	São Paulo	1

Fonte: Folha Universal/ DIAP/ TSE¹⁹.

Não há preocupação em ocultar a relação direta entre PRB e IURD, que se mostra mais evidente a cada edição. Dessa forma, a edição seguinte ao primeiro turno, de n.966 (10/10 a 16/10 de 2010), comemora a vitória de Crivella, reeleito senador pelo estado do Rio de Janeiro. “Nos braços do povo” – “PRB Sai fortalecido da eleição. Senador Crivella foi reeleito com mais de três milhões de votos. Partido elegeu deputados federais e estaduais em todo o Brasil”, são o título e o subtítulo da matéria.

6i Folha Universal
10/10/2010
10 a 16/10/2010

política e fé
Folha

NOS BRAÇOS DO POVO

PRB sai fortalecido da eleição. Senador Crivella foi reeleito com mais de 3 milhões de votos. Partido elegeu deputados federais e estaduais em todo o Brasil

Deputados mais votados do PRB

RODRIGUES, Saulo Rodrigues
CANDIDATO: Vereador (Ribeirão Preto)
VOTOS: 12.817
ESTADO: São Paulo

FRANCISCO, Átilio Francisco
CANDIDATO: Deputado Federal (São Paulo)
VOTOS: 11.120
ESTADO: São Paulo

CRIVELLA, Marcelo Crivella
CANDIDATO: Senador (Rio de Janeiro)
VOTOS: 3.000.000
ESTADO: Rio de Janeiro

SANTOS, Gilnaci Santos
CANDIDATO: Deputado Estadual (São Paulo)
VOTOS: 11.120
ESTADO: São Paulo

Imagem 1: Crivella comemora a vitória. Edição n.966.

¹⁹ Quadro produzido pelo autor através dos dados agregados durante a pesquisa do jornal com consulta ao DIAP e ao TSE.

A fala de Crivella diz: “Vi a mão de Deus através do sentimento popular. Agradeço a Ele, ao povo do Rio de Janeiro, ao presidente Lula e à garra da minha militância”. Além da eleição, é comemorado o aumento da bancada do PRB no congresso federal. Essa matéria constitui a demonstração do que temos apontado: a Folha Universal é usada como meio proselitista dos políticos oficiais da IURD e deixa evidente a estreita relação entre PRB e IURD.

Em outro tom, mas também relacionado à política, o informativo “Cidadania” inteira sobre os cargos em disputa nas eleições, suas atribuições, os documentos necessários, a organização das eleições e curiosidades referentes às mesmas. Na edição n.969 (31/10 a 06/11 de 2010), que coincide com data do segundo turno das eleições presidenciais, a coluna pede que os eleitores votem em políticos com boas propostas e que o mesmo não deve ser visto como uma troca de favores. Segue o texto do informativo que leva o título de “O voto deve ser para políticos com passado limpo”.

Hoje, 31 de outubro, cerca de 135 milhões de brasileiros voltarão às urnas para eleger o presidente do Brasil, além dos governadores de oito estados (Rondônia, Roraima, Pará, Amapá, Paraíba, Piauí, Alagoas, e Goiás) e do Distrito Federal. Precisamos votar em políticos com o passado limpo e com propostas voltadas a melhoria de vida da coletividade. As eleições são de fundamental importância, além de representar um ato de cidadania. O voto não deve ser visto como uma troca de favores, quando o eleitor vota e ganha com isso dinheiro, cestas básicas, brinquedos, asfalto, entre outros benefícios. A compra de votos é ilegal (Folha Universal, 2010)

A valorização do voto, e a orientação para votar com consciência aparecem em várias edições analisadas, e mostra como a IURD representa o voto. Dessa forma, a capa da edição n.962 (12/09 a 18/09 de 2010) tem o título de “A importância do voto”. Além da mensagem, a capa vem ilustrada com uma urna eletrônica, um título de eleitor e uma identidade. A chamada e os símbolos indicam e reforçam o conteúdo da matéria, que atribui suma importância ao voto. Sobre esta matéria o editorial “Recado da Redação” comenta:

a matéria de capa procura mostrar de forma didática e esclarecedora como é importante exercer a cidadania através do voto, utilizando o direito e a liberdade assegurados pela democracia para escolher quem você considera mais capacitado para administrar o Brasil, seu Estado ou atuar no Legislativo (Folha Universal, 2010: 1)

A matéria, que se encontra entre as páginas oito e dez, tem a chamada de “Você decide”. É apresentado um caso de corrupção recente envolvendo o prefeito de Dourados (MS) e a partir desse caso, o texto chama a atenção para os requisitos dos candidatos aos

quais os eleitores devem ficar atentos. Segundo o jornal, os candidatos devem possuir capacidade administrativa e honestidade. Dois casos de pessoas que valorizam o voto mesmo sem estarem sob a lei da obrigatoriedade ilustram a importância do ato.

Na edição de n.965 (03/10 a 09/10 de 2010), referente ao dia do primeiro turno da eleição, a chamada na página quatro destaca: “O Brasil vai às urnas”. O artigo é pequeno, apresenta fala de um cientista político sobre a importância do voto e exalta qualidades da urna eletrônica. Logo abaixo deste artigo o jornal apresenta um espaço para a “cola” na hora da votação, neste espaço não há indicação de candidatos, ele se apresenta livre para preenchimento. O “informativo” sobre as eleições também está presente na seção “política e fé” dessa edição e mostra bem rapidamente algumas curiosidades sobre os colégios eleitorais.

The image shows a newspaper clipping from 'Folha Universal' dated October 3-9, 2010. The main headline is 'O Brasil vai às urnas' (Brazil goes to the polls). The sub-headline states 'Mais de 135 milhões de brasileiros decidem o futuro do País hoje em eleição que acontece até as 17h' (More than 135 million Brazilians decide the future of the country today in an election that takes place until 17h). The article includes a photo of a hand using a ballot card on an electronic voting machine. Below the main article is a 'Guia do voto' (Voting Guide) section with a grid for marking preferences for various offices: 1º Deputado Estadual, 2º Deputado Federal, 3º Senador (1), 4º Senador (2), 5º Governador, and 6º Presidente da República. At the bottom of the grid are three buttons: 'BRANCO', 'CORRIGIR', and 'CONFIRMAR'. To the right of the grid is a blue box titled 'QUANDO ACONTECE' containing election details and instructions.

Imagem 2: “Cola” em branco. Edição n.965.

Com tom parecido, na edição de n.953 (11/07 a 17/07 de 2010) o político Gelson Ferraz (vereador pelo PRB de Fortaleza, CE) escreve para a coluna “Ponto de Vista” da seção “Política e Fé”, na qual fala sobre a necessidade dos políticos profissionalizarem a campanha para atingir os objetivos, já que, a cada pleito, o eleitorado fica cada vez mais experiente e as leis mais vigilantes.

Colocando nosso olhar sobre as eleições presidenciais, é possível perceber que o jornal se empenhou em ser mais uma força atuante na campanha da candidata Dilma Rousseff (PT). Essa constatação se sustenta em dois temas que tiveram grande destaque no jornal, principalmente no momento em que a disputa eleitoral se acirrava com a proximidade do segundo turno. O primeiro tema é referente às tentativas de defesa empreendidas a favor da candidata Dilma. O segundo tema está relacionado a tentativa de associar o candidato José Serra (PSDB) à Igreja Católica, instituição tida como inimiga da IURD, esforços que visam construir uma imagem negativa do candidato tucano²⁰.

Na edição de n.953 (11/07 a 17/07 de 2010) a seção política e fé divulgou o apoio do PRB a candidata Dilma Rousseff (PT) (p.6i). O título diz “Aliança consolidada”, logo abaixo o subtítulo afirma: “PRB confirma apoio a Dilma e homenageia vice-presidente José Alencar em convenção”. Na ocasião, José de Alencar era vice-presidente da República e presidente de honra do PRB. A matéria destaca a presença do senador Marcelo Crivella, bispo licenciado da IURD e candidato a reeleição. A fala do então presidente do PRB, também bispo da IURD, Vitor Paulo, convoca os representantes republicanos para fazer campanha para a eleição de Dilma Rousseff. “A responsabilidade que tenho é de convocar os milhares de republicanos e as militâncias, aqui representados pelo PRB Jovem, que agrega mais de 300 mil jovens em todo país, para percorrer os 26 estados e o Distrito Federal a fim de eleger Dilma presidente do Brasil”.

Além de informar sobre o apoio dado a Dilma, o jornal começa desde essa edição a construir a imagem negativa da candidatura de José Serra (PSDB) que concorria à presidência tendo como vice Índio da Costa (DEM). Na página sete, seção “Sete Dias”, na qual o jornal apresenta frases que ficaram marcadas durante a semana, é apresentada a seguinte citação na qual Serra havia afirmado sobre seu vice: “(Ele) me disse por telefone: ‘não tenho amantes’. Eu até disse: também não precisa exagerar. O que tem que ser é uma coisa discreta”. Considerando o teor da frase, e o meio em que está vinculada, podemos dizer que na imaginação do público ao qual o jornal se direciona o conteúdo da frase é contrário à conduta moral valorizada por este grupo religioso, que tem em seu imaginário o ideal de fidelidade ao conjugue como um valor a se ressaltar.

No dia do primeiro turno a matéria que mais chama atenção na edição n.965 (03/10 a 09/10 de 2010) é intitulada “Boato do Mal”. Há uma chamada na capa do jornal, uma tira

²⁰ José Serra e sua campanha usaram constantemente a imagem de religioso, católico, durante os meses que antecederam ao pleito. Segundo a interpretação de Pierucci (2011), o uso excessivo dessa relação foi crucial para sua derrota.

no canto superior direito, em vermelho, com os dizeres: “Rede de mentiras”, “Boato religioso tenta prejudicar eleição de Dilma”. O leitor é levado a última página do jornal. A matéria comenta sobre a frase que circulou supostamente dita por Dilma, “nesta eleição, nem mesmo Cristo me tira essa vitória”. Segundo o Jornal, a viralização dessa frase teria sido uma tentativa de colocar os evangélicos contra a candidata. A matéria faz relação deste acontecimento com um boato que envolvia o PT a um sequestro em 1989, nas vésperas do segundo turno das eleições daquele ano, na qual Lula concorreu com Collor. Curiosamente, como mostrado por Pierucci e Mariano (1992), naquele momento, a IURD apoiou com empenho a candidatura de Fernando Collor e investiu em demonizar a imagem de Lula.

Destaco que a defesa da candidata Dilma feita no jornal respeita uma lógica religiosa. Os ataques a Dilma que ganharam destaque no jornal, estão relacionados a questões originadas no campo religioso, em certa medida como reação, em decorrência da mobilização por parte do candidato Serra ter feito uso indiscriminado desta estratégia. Pela mídia evangélica que é, a Folha Universal tenta defender Dilma dos ataques com o simbolismo do próprio campo do religioso. Parece, inclusive, ser uma estratégia valorizada pela própria campanha da candidata, que tinha dentre seus opositores a grande maioria dos evangélicos e a Igreja Católica, respondendo assim, ataques relacionados a questões religiosas com a mesma lógica. A parceria entre PT e Universal, se deu em grande parte para atuação no campo religioso, pois, se não é isso, por que não fizeram a defesa de Dilma com o mesmo empenho no caso Erenice Guerra?

Da mesma maneira, a matéria de capa da edição n.967 (17/10 a 23/10 de 2010) presente na página oito, refere-se ao poder da mulher e utiliza o desempenho de Dilma Rousseff e Marina Silva no primeiro turno das eleições, como exemplo de que as mulheres têm conquistado autonomia e reconhecimento. A matéria cujo título é “Poder Feminino” toma outro rumo na página doze, na qual a chamada é: “Vítima de mentiras”. Em destaque a matéria escreve: “Escolhida como uma das mulheres mais influentes do mundo por importante revista norte-americana, Dilma é atacada por boatos que dizem que ela é a favor do aborto. Mas ela já disse: é contra”. O jornal se esforça para mostrar a candidata como uma pessoa verdadeira e contra o aborto. Desta vez, a Igreja Católica é citada, em tom acusatório é dito que a mesma está utilizando a tevê Canção Nova para fazer campanha contra Dilma. Apesar de a opinião do evangélico não ser definida exclusivamente pela igreja, o aborto é uma prática que encontra forte objeção por este grupo, na grande maioria das vezes é tido como um atentado a vida, que conota um viés

moral muito destacado. Podemos assinalar que esse viés moral no qual foi pautada a controvérsia do aborto, respeita lógicas simbólicas do campo religioso, que influenciam diretamente o campo político.

Uma semana antes do segundo turno, a edição n.968 (24/10 a 30/10 de 2010) dedica-se ao mesmo propósito. Na capa aparecem as chamadas para as matérias sobre as eleições. “O candidato do Vaticano” – “Entidade máxima do clero romano no Brasil entra na campanha de José Serra. O que está por trás do apoio?” acompanha “Bispo Edir Macedo pede cautela”: “Em artigo no seu blog, bispo diz para eleitores terem cuidado na hora de votar”. O editorial reforça:

a Campanha presidencial atinge seu nível mais baixo com a revelação de que boatos eram espalhados por segmento da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil. A entidade máxima do clero romano no País teria entrado em campanha contra a candidata Dilma Rousseff (PT). Em um comportamento inédito na história da política do País, que causa assombro até em especialistas, bispos e padres católicos atacam Dilma em vídeos e panfletos (Folha Universal, 2010: 1)

A matéria, que consta entre as páginas treze e dezessete, “Na mão do Clero”, apresenta a denuncia da relação entre o candidato José Serra e a Igreja Católica, afirma que a cúpula da Igreja Católica tem orquestrado um intenso ataque a candidatura de Dilma Rousseff e produzido panfletos variados, nos quais Serra aparece como um “homem de bem”. Na página treze, a fala da especialista Maria das Dores Campos Machado que condena essa relação é utilizada para reforçar o argumento de que isso é uma intromissão da religião na política.

É um ativismo religioso extremamente conservador e moralista. O debate não está sendo feito com base em questões econômicas ou sociais como distribuição de renda, mas sim focado em questões moralistas. É um movimento que acontece há algumas eleições, mas agora se apresenta de forma clara em uma disputa presidencial. Isso é novo. (Folha Universal, 2010: 13)

Na mesma página, Dilma é apresentada como defensora da igualdade religiosa. Novamente é colocada fala da socióloga Maria das Dores Campos Machado.

A laicidade é um princípio que garante a liberdade religiosa e é fundamental para livre expressão de cada um. A sociedade terá de debater até onde os grupos religiosos poderão interferir na esfera pública. Mas é preciso fazer isso depois, quando acabar o uso eleitoral do tema (Folha Universal, 2010: 13).

Essa estratégia, de acionar o discurso do estado laico, mostra como a igreja, quando julga necessário, recorre a um discurso do campo político, aparentemente afastado do mundo do fiel. No entanto, precisamos frisar, que a IURD é uma igreja que se diz perseguida, está sempre ameaçada por concorrentes do campo religioso, ou seja, a mensagem é aparentemente técnica, mas para o seu receptor (fiéis da igreja) tem forte poder simbólico, pois aciona a ideia de que vão ser perseguidos por sua crença em Cristo.

Na página dezesseis uma frase dita por Fernando Henrique Cardoso tem grande destaque, “O Serra tem uns demônios dentro dele que, às vezes, nem ele mesmo controla”. Sabemos que o demônio tem grande importância no discurso simbólico da IURD, associar Serra ao demônio é chamar o leitor para, a partir do voto em Dilma, exorcizar a política em nome de Cristo. É levá-lo a colocar em prática a Teologia do Domínio, lutando contra os demônios territoriais que habitam a política.

Na página vinte quatro, segue replicada a mensagem do bispo Macedo:

A principal característica do profeta velho é o engano. Em I Reis 13, encontramos um homem de Deus sendo enganado por aquele que deveria orientá-lo, falar a verdade e guiá-lo no caminho certo. Temos visto nos últimos dias uma verdadeira demonstração de que o espírito do profeta velho continua atuando e tentando levar as pessoas ao engano. Veja o que aconteceu com o pastor Silas Malafaia, que iniciou a campanha política apoiando a candidata Marina Silva e depois, usando o argumento frágil de que o partido dela, o PV, apoiava o aborto, mudou de lado e, para justificar que não apoiaria a candidata Dilma, acusou o PT de ser a favor do aborto e apoiar o casamento de homossexuais. Pronto, o caminho estava aberto para, sabe-se lá com que interesse, apoiar o candidato Serra. Como não há nada escondido que não seja revelado, veio a declaração do próprio Serra, em vários meios de comunicação, de que é favorável ao casamento de homossexuais. E não para por aí não. Explodiu como uma bomba a denúncia de algumas ex-alunas da esposa do candidato, Monica Serra, que ficaram indignadas com a hipocrisia do casal de que, como cristãos, são radicalmente contra o aborto. Inclusive, a Sra. Monica chegou a dizer que se Dilma vencesse, ela iria matar as criancinhas. Revoltadas, as alunas disseram que em uma aula, muito tempo atrás, a Sra. Monica declarou que havia feito aborto, com o consentimento de seu marido José Serra. Agora ficam as perguntas: O que fez o pastor Malafaia mudar de lado? Ele vai continuar apoiando o Serra? Diante desse cenário temos que lembrar o que aconteceu com o homem de Deus (I Reis 13) que seguia o seu caminho e foi levado à morte, enganado pelo profeta velho, porque não guardou a sua fé (Folha Universal, 2010: 24).

A fala de Macedo está repleta de elementos simbólicos, o próprio título da comunicação, “Cuidado com o Profeta Velho”. O “Profeta Velho” é o crente que relaxou espiritualmente, apegado a mentira engana os fiéis, acaba servindo ao demônio. Assim, está construída a ponte para que um dos principais aliados de Serra no campo religioso e presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Silas Malafaia, tenha seu discurso

entendido como falso e perigoso pelos fiéis. Coloca Serra como a favor do casamento de homossexuais, outro tabu para esse público.

Se ainda não há convencimento do que temos frisado, a última matéria da edição que coincide com o segundo turno, é a prova do esforço da IURD em eleger Dilma. A Folha Universal traz a matéria “7 razões para votar em Dilma”. Os argumentos apresentados giram em torno da continuidade do governo Lula, que o Jornal trata como muito positivo, principalmente para os mais pobres, tendo sido efetivo na crise. O “motivo seis” faz referência ao passado de Dilma: “É hora de uma mulher no governo. Tem as cicatrizes da tortura na luta por justiça e liberdade nos tempos da ditadura. Aprendeu na pele o que é democracia”.

O “motivo sete” refere-se à liberdade religiosa: “Vai governar respeitando as igrejas e todas as denominações e a liberdade de culto”. Dessa forma, a ideia da liberdade religiosa, a mesma utilizada pelos evangélicos na década de oitenta é (re)acionada.

Dilma é mostrada como representante da moral da IURD, induzindo o fiel a aderir a sua candidatura. Com isso, reforça a relação entre Dilma, já que aciona um símbolo essencial na construção de sua crença, o evangelho, relacionando também à Igreja Universal. “Respeita os valores cristãos de defesa da vida e da família. Tem um compromisso pessoal em apoiar os ideais do Evangelho, princípio maior da Igreja Universal do Reino de Deus”.

ponto final
 11 de outubro a 1 de novembro de 2010 - R\$ 0,99 - Folha Universal

ARTIGO
 Senador Marcelo Crivella

7 RAZÕES para votar em DILMA



1. Deus escolheu os crises finais de seu povo para emergências no adão e escolheu os crises finais de mundo para emergências no fim. (1 Coríntios 1: 27), como nos histórias de poções, Iago e do biólogo Bill MacLeod. Eles vieram do povo, foram julgados e perseguidos pela elite do País e cresceram sem a força do povo.
2. Dilma vai prosseguir o governo de Lula, que já criou 24 milhões de empregos para o pobre. Sem um governo econômico melhor não há a desigualdade entre ricos e pobres.
3. A população carente tem hoje mais do que convém na mesa: tem dignidade. Além de ajuda direta dos programas sociais do governo Lula, o povo ganhou emprego. Mais de 15 milhões de vagas foram criadas. Isso precisa continuar.
4. Dilma é respaldada no exterior por sua competência, honestidade durante o governo Lula. Ajudou a desovar a economia das bondades com a descoberta de novas reservas de petróleo e com as conquistas da Olimpíada e da Copa do Mundo.
5. Condição como o primeiro PAC que é o maior programa de obras de história do País. Nossa economia está firme. Temos os últimos a entrar e os primeiros a sair da maior crise econômica das últimas décadas. Opa! por entre candidatos é melhor o risco de jogar fora todos os conquistas do povo brasileiro.
6. É hora de uma mulher no governo. Tem as cicatrizes da tortura na sua luta por justiça e liberdade nos tempos da ditadura. Aprendeu na pele o que é democracia.
7. Vai governar respeitando as igrejas de todos as denominações e a liberdade de culto. Respeita os valores cristãos de defesa da vida e da família. Tem um compromisso pessoal em apoiar os ideais do Evangelho, princípio maior da Igreja Universal do Reino de Deus.

Imagem 3 – Contra Capa edição n.969.

Além do que já foi destacado sobre política e eleições na Folha Universal, é importante mencionar que a Igreja Católica, outras mídias de comunicação, como a “Rede Globo” e grupos ligados a ela, são constantemente temas de matérias que invariavelmente visam o ataque por parte da IURD a estas instituições. Não é novidade que a IURD faça oposição a estes grupos, que são vistos como concorrentes e inimigos. A Igreja Católica é concorrente no campo religioso, é a religião com maior número de fiéis do Brasil. A Rede Globo é concorrente no campo midiático, tida como a maior e mais poderosa organização midiática brasileira a qual a “Rede Record”, emissora ligada a IURD, tenta superar.

Tentamos mostrar como a IURD, através da Folha Universal, se empenhou no apoio a candidata Dilma Rousseff. Este apoio foi construído levando em conta uma série de elementos simbólicos presentes na forma como os membros da igreja ordenam o mundo, constantemente acionados pelo jornal, seja para defesa de Dilma ou para atacar seus opositores. Estamos convencidos de que o contexto das eleições, marcado por debates no campo religioso, contribui decisivamente para esta postura, que objetivou fortalecer as relações entre os evangélicos e a candidata. Verificou-se, também, uma grande diversidade de argumentos nos discursos sobre a eleição presidencial, que não se prendeu ao discurso do campo e religioso mobilizou discursos sofisticados de especialistas em pesquisa no campo político.

Além disso, podemos afirmar que o jornal é usado como meio para fazer propaganda para os políticos ligados a IURD, que em quase sua totalidade se concentram no PRB. Pode parecer contraditório, mas também são vinculadas matérias que reforçam o civismo e a cidadania, instruindo os seus fiéis/leitores/eleitores para atuação no campo político. A seguir focamos no período eleitoral de 2014.

Capítulo Cinco - As eleições 2014

De maneira semelhante a 2010, em 2014, a tônica da disputa eleitoral girou em torno da polarização entre PT, partido pelo qual Dilma Rousseff disputava a reeleição, e PSDB, que dessa vez, teve como candidato Aécio Neves (PSDB). Como terceira via, o nome de Marina Silva também se manteve, porém candidatando-se por um partido de forte tradição, o PSB, que integrara a coligação de apoio a candidata Dilma na última eleição. Importante notar que a campanha presidencial foi marcada pela morte do então candidato à presidência, Eduardo Campos (PSB), em acidente aéreo, em agosto de 2014, a cinquenta dias do primeiro turno das eleições. Essa tragédia, além da comoção, abriu espaço para que Marina, que compunha a chapa de Campos como vice, assumisse o lugar de protagonista.

Outra semelhança foi a importância com que as campanhas enfatizaram a corrupção. Em 2014, tanto os meios de comunicações, quanto as campanhas oficiais dos candidatos dialogaram com os escândalos de corrupção envolvendo a Petrobras. Porém, não vimos o mesmo vigor de 2010, se tratando das pautas religiosas. Isso não quer dizer que esteve ausente. O plano de Marina Silva passou por uma “reforma”, na qual modificaram o texto referente ao apoio ao casamento civil homossexual, muito provavelmente influenciada pela desaprovação do pastor Silas Malafaia, que já havia feito parecido em 2010.

Cabe ressaltar também, a campanha do candidato pastor Everaldo para a presidência. Na visão de Gonçalves (2015), a campanha do candidato do PSC aliou conservadorismo do campo religioso com propostas de medidas conservadoras na economia. Apesar de não ter tido sucesso, parece indicar uma representação maior do segmento evangélico nos cargos executivos.

De maneira geral, podemos dizer que a Folha Universal se manteve atenta ao tema da política durante o período de 2014. Porém, suas matérias não permitem vislumbrar nenhum tipo de apoio a qualquer candidato ou coligação, ao menos de forma explícita, atentando-se muito mais para a questão da participação política através do voto consciente.

Dentro deste contexto, a edição de n.1160 trouxe na seção “Geral” uma matéria que, como fala o editorial, é dedicada a refletir sobre os xingamentos que a presidente Dilma Rousseff recebeu no jogo inaugural da Copa do Mundo. O fato é tratado como vergonhoso para o Brasil e são feitos questionamentos com relação à efetividade desse comportamento da torcida presente e suas consequências.

A matéria “Xingar a presidente resolve algum problema?” classifica como “boçalidade” os xingamentos proferidos pelo público, diferindo essa atitude de uma manifestação mais inteligente. Segundo a autora da matéria, Rê Campbell, as insatisfações quanto aos gastos da Copa e os problemas enfrentados pelo país são compreensíveis, e a democracia dá a possibilidade de convívio respeitoso entre diferentes opiniões, mas, ao contrário do que ocorreu, as manifestações deveriam ser mais claras, os insatisfeitos deveriam, por exemplo, não ir ao estádio, ou boicotar todo o evento.

A matéria enfatiza que “a arma mais legítima continua sendo o voto”, e chama atenção para as eleições de outubro, onde será possível “escolher o melhor candidato ou candidata a presidente da República” e aos demais cargos (Folha Universal, 29 Jun. 2014:11). O tema é explorado também em uma charge, na mesma edição, em que a vaia não é considerada uma atitude politicamente eficiente se comparada ao voto. Fica claro que a IURD entende que a efetiva participação política deve ocorrer nas eleições, com o acompanhamento dos candidatos e deslegitima a participações mais incisivas apontando falta de decoro e pouca eficiência das mesmas.



10 **geral** FOLHA UNIVERSAL

A presidente é
Populista, Dilma
Rousseff, no cargo,
contra o presidente da
Fifa, Joseph Blatter, e
o Brasil, durante
o começo da Copa
do Mundo 2014.

**Durante a
abertura
da Copa do
Mundo em
São Paulo,
alguns
brasileiros
ignoraram a
civildade e
proferiram
palavrões
contra Dilma
Rousseff. A falta de
respeito
com a chefe
de Estado
repercutiu
de forma
negativa
em todo o
mundo**

Xingar a presidente resolve algum problema?

Al Campbell

No último dia 12 de junho alguns brasileiros manifestaram ao mundo que acreditam mais de gramíneas do que de cidadania e hospitalidade durante a abertura da Copa do Mundo na Arena Corinthians, em São Paulo, que se tornou localidade de vaia, xingar a presidente Dilma Rousseff. Enquanto as atrações de janeladas e o câmbio de todas as partes do planeta estavam voltadas ao Brasil, aqueles brasileiros manifestaram xingar a vaia e a corrupção. Ela foi a imagem contemporânea transmitida ao mundo.

Em um primeiro momento, a hostilidade poderia ser interpretada como um indício de boçalidade contra os gastos da Copa ou com os problemas que o País enfrenta nas áreas de saúde e educação. Entretanto, existe uma grande diferença entre pânico e rejeição. O pânico instigou alguma atração para a casa noturna local. Já o desrespeito apenas comprometeu a hospitalidade de quem quer que seja.

Mais do que um insulto à presidente, ao valer em forma de palavrões ofendidos o Brasil. Afinal, sabemos em uma democracia a Dilma é a governante eleita pelo maior dos brasileiros. Ao escolher o xingamento, os próprios manifestantes parecem que não consideram as

opções divergentes e não respeitam o tempo País.

Além disso, poderá significar em uma cerimônia internacional com autoridades do mundo inteiro significa falta de educação, não importa o lugar em que o evento ocorre. Outros fatos mostram que as discussões com a presidente começaram na área VIP do estádio. Muitos dizem que os manifestantes não eram convidados de empresas ou organizações beneficiadas pela Copa. Outros jogaram cunhas de metal para ocupar as cadeiras de elite.

Os palavrões, nesse caso, podem representar também uma forma de hipocrisia.

Mas, afinal, todos deveriam ter clamado a presidente na abertura da Copa do Mundo?

É claro que não. Vivemos em uma democracia e cada brasileiro é livre para ser a própria opinião. No entanto, há algumas regras básicas de etiqueta: liberdade, não é mesmo?

Dilma não concordou com a política que permitiu a realização da Copa, por exemplo, poderia ter votado a favor ou não. Outra opção seria fazer uma manifestação mais clara,

divulgada em todas as redes e meios de comunicação. Entretanto, o mundo também não está tão aberto quanto Brasil. Então, não se queira sentir insultado em que os países estejam acontecendo. E os votos, poderiam ter sido positivos? Sim, mas os desrespeitos não pareciam ser aqueles para o Brasil.

Mas se o problema co-

Imagem 4 – “Dilma na Copa”. Edição n. 1160.

Na edição de n.1163, a matéria intitulada “Muita arrecadação para pouco investimento”, presente na página três do caderno principal, tem como tema o impostômetro, e questiona o fato de o Brasil ter uma grande arrecadação de impostos que não são revertidos em melhorias dos serviços públicos para a população. Afirmando que o modo como o dinheiro é investido depende dos gestores e governantes, a matéria aponta que uma possibilidade de solução para o problema é o uso consciente do voto: “Não basta cobrar investimentos. As mudanças podem e devem ser exigidas nas urnas, com a escolha de candidatos honestos e responsáveis” (Folha Universal, 20 jul. 2014:3). Além disso, o texto chama atenção para a necessidade do cidadão fazer sua parte, já que considera que a mudança começa dessa atitude. Dessa forma, o jornal atribui grande importância ao papel que o cidadão tem para as mudanças na política. Na medida em que considera que o cidadão deva “oferecer o melhor”, embute-se um sentido moral no comportamento do mesmo.

Sem se desviar totalmente do tema das responsabilidades de governantes e cidadãos, a matéria chamada “Até quando o descaso com as estradas vai continuar?”, da edição de n.1164, fala sobre a precariedade das estradas brasileiras que coloca a vida dos motoristas em risco. Este problema, assim como o tema do impostômetro, tem sua origem creditada a má gestão dos recursos financeiros por parte dos governantes. Da mesma maneira, à referência a eleição que se aproxima, deixando a entender que a solução do problema passa pela escolha adequada nas urnas.

As eleições apareceram como assunto principal na capa do jornal em duas edições. A capa da edição de n. 1169 apresenta a manchete “Deixar de votar, é a solução para mudar o Brasil?” seguido da chamada “Muitas pessoas acreditam que o voto não tem tanto poder para transformar o país. Veja qual a melhor opção”. A imagem que acompanha a chamada é de uma mulher que segura o título de eleitor.



Imagem 5 – Capa edição n.1.165.

O editorial introduz a questão de capa, trabalhada na página quatro, e questiona como um país em que o povo protestou contra ditadura e depois contra o governo do Fernando Collor, tendo obtido sucesso, está descrente quanto à capacidade de mudança contida no voto. O texto deixa explícito o objetivo da matéria, que é o de “incentivar cada um a lutar por seu direito, não somente exercendo seu dever de votar (e votar consciente) como reivindicando (sic) as obrigações e cumprimento das promessas por parte daqueles que foram eleitos” (Folha Universal, 31 Ago. 2014:2).

A matéria referente à capa recebeu o título de “Você pode mudar o Brasil”. Assinado por Amanda Aron, o texto defende a necessidade de o eleitor se informar sobre os candidatos, sobre as características dos diferentes cargos em disputa e chama atenção para a importância do voto. Durante a matéria, existem espaços nos quais a função dos diferentes cargos em disputa é explicada.

O texto apresenta ressalvas quanto às informações que aparecem na mídia e são apresentadas pelos candidatos em tempo de eleições, com o argumento de que o povo não sabe discernir a diferença entre acusação e culpa, e por isso devem ficar atentos aos

interesses por trás do que é exposto, e na forma como são conduzidos os debates entre os candidatos, já que existem interesses diversos na veiculação dessas informações.

Há a tentativa de mostrar ao eleitor como a escolha do governante têm consequências em sua vida cotidiana, no aumento dos preços no mercado, na fila dos hospitais, ou na qualidade da escola. Além do argumento de que se o eleitor não vota, não poderá reivindicar nada. “Mas existe um porém nessa história: quem não ajuda, atrapalha. Se você se isentou do seu papel como cidadão, está sendo omissos e tão errado quanto o político que não fez nada por você. E depois você vai exigir um direito que não te pertence: o de reclamar” (Folha Universal, 31 Ago. 2014:6).

A matéria ainda afirma que as generalizações cometidas com frequência quando o assunto é política, como “todo político é ladrão” e “Pior que tá não fica”, são um erro. A importância dada para o voto pode ser ilustrada por uma das frases que o texto destaca em negrito, na página cinco: “Muito mais que um direito conquistado, o voto é a arma mais poderosa dos cidadãos brasileiros”. Este argumento já havia aparecido em matérias não relacionadas diretamente às eleições, desta vez, aparece mais explícito e em uma matéria de capa. A partir desta matéria, bem como em vista das análises feitas até agora, é possível afirmar que o jornal elege o voto como o principal meio de mudança e o mais importante meio democrático que o cidadão tem em mãos. A IURD chama o leitor para a participação política, informa o leitor para que tenha consciência do seu papel de cidadão, o chamado pode estar relacionado ao interesse no voto do leitor, principalmente o leitor do estado do Rio de Janeiro, no qual Crivella é candidato ao governo.

A outra vez em que as eleições aparecem como assunto central na matéria de capa é na edição de n.1173. A capa traz a foto de três dos onze presidenciais, Aécio Neves (PSDB), Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PSB), aos quais o editorial afirma ter tido uma conversa exclusiva. A foto é apresentada juntamente com os dizeres “Você conhece bem em quem vai votar?”.

A matéria divide a apresentação dos candidatos, Aécio Neves, Dilma Rousseff, e Marina Silva, em eixos temáticos. Os temas são: educação, saúde, emprego e política econômica. A matéria explora ainda por quais motivos o leitor deve votar em cada candidato. Todas as respostas foram dadas pelos candidatos ou pelo seu comitê de campanha. Há também uma breve biografia dos candidatos, e um espaço com o título de “Deu na mídia”, no qual é apresentado o que tem sido noticiado de negativo de cada candidato na imprensa e suas respostas sobre o assunto. Estes três candidatos tem o mesmo

espaço na matéria, e seus nomes estão acompanhados de uma foto. A abordagem passa a ideia de neutralidade, se colocando como um informativo sobre os candidatos.



Imagem 3 – Capa edição 1.173.

Os demais candidatos tiveram um espaço com informações como nome, partido, naturalidade e site oficial, acompanhado de foto. Os resultados das pesquisas de intenção de voto realizadas pelos institutos de pesquisa Data Folha e Vox Populi foram apresentados e usados como justificativas para a escolha de ênfase nos candidatos Aécio Neves, Dilma Rousseff e Marina Silva, pois eram os três mais bem colocados nas referidas pesquisas. Segundo o jornal, os demais candidatos tiveram pontuação inexpressiva. Estes dois grupos de candidatos são mostrados em ordem alfabética.

O texto da matéria enfatiza a necessidade do eleitor pesquisar a vida política do candidato, para que possa fazer bem sua escolha. Dois assuntos são tratados no editorial desta edição, a matéria de capa, e uma matéria sobre “as pesquisas divulgadas na mídia”. É possível fazer uma associação entre os dois temas, já que, ao mesmo tempo em que o jornal reforça a necessidade de pesquisar sobre os candidatos e apresenta informações sobre os mesmos, trazendo dados de pesquisas de institutos, levanta dúvidas quanto a pesquisas eleitorais divulgadas pela mídia.

Erros recentes em pesquisas são apresentados na matéria “Por que não confiar em pesquisas” e servem de base para que a matéria alerte para as pesquisas que são divulgadas em períodos eleitorais. Segundo o Jornal, o eleitor deve duvidar das pesquisas, questionar quais as intenções e a quem a pesquisa está servindo, pois o cidadão, na hora de fazer suas escolhas, deve levar em consideração seus valores e convicções e não se guiar apenas por números. Segue um recorte da mesma, retirado da página dezenove que demonstra a intenção em causar no eleitor a desconfiança quanto as pesquisas.

Aldo Fornazieri, cientista político, afirma que tudo indica que existem pesquisas tendenciosas. O fato é que os institutos não são neutros. Eles são contratados por campanhas e também por grandes grupos de mídia que têm interesse político. O eleitor não deve votar guiado pelas pesquisas, aconselha. Então, após fazer uma avaliação criteriosa, pondere, interprete e não se deixe levar apenas por números. É importante que sua análise e seus valores não sejam facilmente influenciados por uma pesquisa. Use sua inteligência e seja um cidadão de opinião (Folha Universal, 2014: 19).

O presidente do Partido Republicano Brasileiro (PRB) e bispo da IURD, Marcos Pereira, escreve sobre política na coluna “Ponto de vista” em duas edições. Na edição de n.1165, o título do texto é “O Brasil tem jeito?”, no qual Marcos Pereira considera o Brasil um país que tem um grande potencial, porém, tem problemas graves, como uma alta carga tributária, burocracia asfixiante e corrupção, que o deixam na “UTI”. O texto ainda faz defesa da meritocracia e do incentivo por parte do governo ao empreendedor, para que dessa forma, o Brasil desenvolva todo seu potencial.

Na edição de n.1171, Marcos Pereira escreve novamente na coluna. O texto, desta vez, chama atenção para a existência no Brasil de cultura que entende que o político deva fazer favores individuais e não governar para coletividade. Segundo ele, isso só poderá ser modificado se os cidadãos tiverem entendimento do seu papel na democracia, sabendo das atribuições de cada cargo, pesquisando sobre os candidatos e escolhendo os melhores. Marcos Pereira ainda critica o voto “branco/nulo”, e o “voto de protesto”. Ressaltamos a presença de um forte discurso de formação cívica. Muitos de seus fiéis têm no jornal a fonte de informação política mais acessível, dessa forma o conteúdo vinculado na Folha Universal pretende preencher a lacuna existente na formação cívica de seus fiéis, abarcando mais um campo de sua formação.

O discurso do político, observado nos textos, faz consonância com os já apresentados até aqui na análise de outras matérias. O posicionamento contrário ao voto nulo/ branco, a ênfase no cidadão como agente da mudança e no voto como meio para ela,

estão de acordo com o que foi visto na grande parte das matérias. A participação de Marcos Pereira nestas edições também pode ser vista como indício da relação estreita que a IURD mantém com o PRB, porém com menor intensidade se comparado a 2010.

No caderno B da edição de n.1160, consta uma entrevista com o candidato a governador do Rio de Janeiro, bispo Marcelo Crivella (PRB), sobrinho de Edir Macedo, e sua esposa, Sylvia Jane Hodge Crivella. As perguntas foram direcionadas a vida do casal e a relação de Crivella com a política. A matéria explora o lado familiar da vida de Crivella. É enfatizado o fato de que o casal está na IURD desde o início.

Nas respostas as perguntas sobre a sua vida política, Crivella fala das dificuldades de inserção e atuação nesse espaço, e afirma que apesar de entender que o estado deva ser laico, os valores da vida religiosa não devem ser abandonados na vida política. Na entrevista, Crivella afirma que descobriu na vida pública o que mais gosta: “ajudar a quem precisa, mas em escala nacional”.

É natural que como um dos maiores nomes da Igreja Crivella participe do jornal como entrevistado? É um tanto oportunista vincular uma entrevista com um bispo da Igreja, candidato a governador, que ajuda a reforçar sua imagem como o ideal político de Deus?

Essa matéria é exemplar das dificuldades encontradas na análise da Folha Universal. A linha entre ingenuidade e etnocentrismo é tênue. Corre-se grande risco em ser ingênuo e não relacionar essa publicação com os interesses institucionais da Igreja, ou de vestir os preconceitos comuns quando o assunto é IURD e apontar qualquer aparição como contendo segundas intenções e precipitar as conclusões. No entanto, relacionando esta reportagem com o restante do conteúdo do jornal em 2014, considero que o movimento em questão, diga-se, de usar o jornal como meio proselitista, ocorre de forma sutil. O jornal não foi utilizado mais vezes com essa intenção, se tratando de Crivella ou de qualquer outro político. Além do que, as entrevistas com bispos são uma coisa corriqueira, elas estão presentes em todas as edições, independe destes bispos estarem candidatos. Fica a pergunta, por que a imagem de Crivella não teve mais espaço no Jornal?

Percebemos que há um forte discurso político de formação cívica, que chama o eleitor a se interessar pela política e se informar sobre os candidatos. Pensando no conjunto da análise, e comparando com o que foi percebido por Diana Lima e Vinícius Werneck (2012) em análise do jornal nas eleições presidenciais de 2010, e com o que trouxemos sobre este mesmo pleito, o enfoque em exaltar aspectos cívicos da eleição se repete nas eleições de 2014.

Porém, no que diz respeito ao explícito apoio dado a Dilma Rousseff e na utilização do jornal como “panfleto político” para divulgar seus candidatos, fatos recorrentes nas edições do jornal em 2010, principalmente na coluna “Política e Fé”, as análises das edições de 2014 mostram uma quebra de continuidade, já que estes padrões não se repetem. Portanto, o que mostramos foi um jornal engajado em fazer campanha para os candidatos aos quais apoiava no pleito de 2010, e, nas eleições de 2014, um jornal que deixou evidências de que preferiu o caminho da neutralidade, não se comprometendo com campanhas e políticos de forma explícita. Apesar de o PRB ter apoiado a candidatura de Dilma Rousseff em 2014 – apoio que se materializou na nomeação do Deputado Federal eleito por Minas Gerais, George Hilton (então pastor licenciado da IURD), para o Ministério dos Esportes – e apesar da ligação entre esse partido e a IURD, a “Folha Universal” em nenhum momento deixa, de forma clara, o apoio da denominação a esta candidata no pleito de 2014. Inclusive ameniza as evidências da relação entre o partido e Igreja em comparação a 2010. Ou seja, a IURD apoiou Dilma, mas não o fez com tanto empenho quanto em 2010.

Considerações Finais

Essa pesquisa revelou que a IURD tinha uma postura explícita na campanha eleitoral de 2010. Fazia propaganda da ação dos seus candidatos e do PRB, com o qual mantém estreita relação, reservando um espaço exclusivo para apresentação de material político na Folha Universal. Neste espaço, candidatos comentavam sobre assuntos diversos e faziam propaganda de propostas, projetos de lei, nas quais haviam trabalhado ou iriam desenvolver.

Da mesma forma, procurou fazer campanha para a candidata Dilma Rousseff, dando sustentação a sua imagem no universo religioso. Mobilizou, através de referências simbólicas da cosmologia cristã, o capital religioso que detêm, para influenciar no campo político, defendendo a candidata de acusações consideradas graves para o universo de eleitores religiosos e acusando, com ênfase em questões morais, o candidato da oposição José Serra. Essa estratégia parece ter acontecido em resposta á ataques da oposição de Dilma, sustentados pelo apoio de alguns setores da Igreja Católica. A capacidade argumentativa da IURD faz com que consiga usar tanto das simbologias cristãs para atingir seus interesses, quanto de argumentos de especialistas que corroboram sua opinião sobre temas mais técnicos.

Observamos que o jornal apresentou, também, uma preocupação com a formação cívica de seus fiéis, que se manteve nas duas eleições. Se colocando, dessa forma, como uma mídia que trás informações relevantes para construção da cidadania entre seus fiéis, muitos deles têm na Igreja sua principal fonte de informação sobre estes assuntos.

Além disso, destaca o grupo Globo e a Igreja Católica como seus principais inimigos, e utiliza a Folha Universal como veículo para responder os ataques que recebe destes grupos, ou ataca-los, são comuns as notícias sobre escândalos na Igreja Católica, ou declínio do catolicismo.

A descontinuidade observada entre as edições de 2010 e 2014, com relação ao proselitismo e ativismo na campanha presidencial coloca uma dúvida quanto às próximas eleições. Os motivos da mudança só podem ser tratados com inferências, são muitas possibilidades. Os contextos políticos eram diferentes, a relação com o PT havia passado por momentos de conflito, a relação com o PRB era motivo de controvérsia, tudo isso pode ter influenciando para a tomada de uma postura que passe neutralidade. O jornal não trás explícitos os motivos da mudança. Mas é como se a IURD estivesse receosa dos custos futuros em apoiar ativamente o PT num contexto pouco favorável. Talvez outras fontes

possam colaborar com essa questão. Outras mídias da própria IURD, por exemplo, acompanharam essa mudança? Os desdobramentos da política após as eleições 2014 demonstram que houve um rompimento do PRB (IURD?) com o PT de Dilma Rousseff. No entanto, após o impeachment de Dilma Rousseff o PRB, saiu fortalecido, inclusive o bispo Marcos Pereira é atualmente Ministro do governo de Michel Temer, ocupa o Ministério da Indústria, Comercio Exterior e Serviços.

A eleição de Marcelo Crivella para a prefeitura do Rio de Janeiro, primeiramente, mostra a força dessas instituições no cenário nacional ao mesmo tempo em que trás novos desafios ao PRB e a IURD.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. Terceiro Nome, 2009.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Negócios, poder e fé: a Universal contra a Mundial. In: Carlos Steil; Ari Pedro Oro; Roberto Cipriani; Emerson Giumbelli. (Org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012, v. 224, p. 95-109.
- BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: A presença da Assembléia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006)*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião, UMESP, São Bernardo do Campo, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. Org. Renato Ortiz (Tradução de Paula Monteiro e Alicia Auzmendi). São Paulo: Editora Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Organização de Sérgio Miceli. 6 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005
- CAMPOS, Leonildo Silveira. O complicado “Governo dos Justos”: avanços e retrocessos no número de deputados federais evangélicos eleitos em 2006 e 2010. *Debates do NER*, v. 2, n. 18, p. 111-128, 2010.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Os políticos de Cristo: uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Massangana, 2006.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. De “políticos evangélicos” a “políticos de Cristo”: latrayectoria de las acciones y mentalidad política de los evangélicos brasileños en el pasodelsiglo XX alsiglo XXI. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, v. 7, n. 7, p. 157-186, 2005.
- CARRANZA, Brenda. Linguagem midiática e religião. In: João Décio Passos; Frank Usarski. (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. 1ed. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, v. 1, p. 539-555.
- CONCONE, Maria Helena Villas Bôas . Pesquisa Qualitativa nos Estudos de Religião no Brasil. In: Beatriz M. de Souza; Eliane H. Gouveia; José Rubens Jardimino. (Org.). *Sociologia da Religião no Brasil*. 1ed. São Paulo: PUC/SP-IMESP, 1998, v. 1, p. 125-136.
- COUTROT, Aline. Religião e Política. In: *Por uma história política*. Organização de René Rémond; tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- DULLO, Eduardo. Política secular e intolerância religiosa na disputa eleitoral. In: Paula Montero. (Org.). *Religiões e Controvérsias Públicas: experiências, práticas sociais e discursos*. 1ed. São Paulo/Campinas: Terceiro Nome/Unicamp, 2015, v. 1, p. 27-47.

- FONSECA, Alexandre Brasil. Igreja Universal: um império midiático. In: A. P. Oro; A. Corten & J. P. Dozon. *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, p. 259-280, 2003.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.
- FRESTON, Paul. A igreja universal na Ásia. *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, p. 197-229, 2003.
- GOMES, E. C.. Ser única e universal: materializando a autenticidade no Rio de Janeiro. In: Mafra, Clara; Almeida, Ronaldo. (Org.). *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo, Terceiro Nome, 2009, v.1, p.111-132.
- GONÇALVES, R. B.. A candidatura de Pastor Everaldo nas eleições presidenciais de 2014 e as metamorfoses do discurso político evangélico. *Debates do NER*, v. 1, p. 323-348, 2015.
- GRACINO JUNIOR, Paulo. A demanda por deuses: globalização, fluxos religiosos e culturas locais nos dois lados do Atlântico. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2016.
- GUTIERREZ, Carlos. Igreja Universal e política: controvérsia em torno do secularismo. In: Paula Montero (Org.). *Religiões e Controvérsias Públicas: experiências, práticas sociais e discursos*. 1ed. São Paulo/Campinas: Terceiro Nome/Unicamp, 2015, v. 1, p. 49-74.
- HEREDIA, Beatriz M. A. de; PALMEIRA, Moacir. O voto como adesão. *Teoria e Cultura*, v.1 n.1, p. 35-58, 2006.
- LIMA, Diana; WERNECK, Vinícius. A notícia política na mídia evangélica: o Mensageiro da Paz e a Folha Universal em perspectiva comparada. *Dados-Revista de Ciências Sociais*, v. 55, n. 1, p. 221-250, 2012.
- MACHADO, Maria das Dores Campos; BURITY, Joanildo. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. *Revista Dados*, v. 57, n. 3, 2014.
- MACHADO, Maria D. C.. Religião, Cultura e Política. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(2): 29-56, 2012.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. FGV Editora, 2006.
- MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Zahar, 2001.
- MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 11, n. 2, 2011.
- MARIANO, Ricardo. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. *Perspectiva Teológica*, v. 43, n. 119, 2011.

- MARIANO, Ricardo. O reino de prosperidade da Igreja Universal. In: A. P. Oro; A. Corten & J. P. Dozon *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, p. 237-258, 2003.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARIANO, Ricardo. Igreja Universal do Reino de Deus: A magia institucionalizada. *Revista USP*, São Paulo, (31): 120-131, 1996.
- NOVAES, Regina Reys. Crenças religiosas e concepções políticas: fronteiras e passagens. In: FRIDMAN, Carlos. *Política e Cultura: século XXI*. Rio de Janeiro: Editora RelumeDumará, 2002.
- MONTERO, P.. Religião, laicidade e secularismo: um debate contemporâneo à luz do caso brasileiro. *Cultura y Religión (En línea)*, v. II, p. 132-150, 2013.
- NOVAES, Regina Reyes. Crenças religiosas e concepções políticas: fronteiras e passagens. In: FRIDMAN, Luiz Carlos. *Política e Cultura: século XXI*. Rio de Janeiro: Editora RelumeDumará, 2002.
- OLIVEIRA, Fabrício R. C.. *Religião, política e comunidade: emergência e politização do Movimento da Boa Nova*. , 2012.
- ORO, Ari Pedro; CARVALHO JUNIOR, Erico Tavares de. Eleições gerais de 2014: religião e política no Rio Grande do Sul. *Debates do NER*. Porto Alegre, RS. Vol. 16, n. 27 (jan/jun. 2015), f. 51-61, 2015.
- ORO, Ari Pedro; MARIANO, Ricardo. Eleições 2010: religião e política no Rio Grande do Sul e no Brasil. *Debates do NER*, v. 2, n. 18, p. 11-38, 2010.
- ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre. *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. Paulinas, 2003.
- ORO, Ari Pedro. A laicidade no Brasil e no Ocidente. Algumas considerações. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 11, n. 2, 2011.
- ORO, A. P..A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 53, p. 53-69, 2003.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Eleição 2010: desmoralização eleitoral do moralismo religioso. *Novos Estudos-CEBRAP*, n. 89, p. 6-15, 2011.
- PIERUCCI, Antônio Flávio.; MARIANO, R. . O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. *Novos Estudos*. CEBRAP, n.34, p. 92-106, 1992.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ROCHA, M. P. N. *As estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus*. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

TADVALD, Marcelo. Eleitos de deus e pelo povo. Os evangélicos e as eleições federais de 2010. *Debates do NER*, v. 2, n. 18, p. 39-82, 2010.

TADVALD, Marcelo Tadvald. A reinvenção do conservadorismo: os evangélicos e as eleições federais de 2014. *Debates do NER*, v. 1, n. 27, p. 259-288, 2015.

TREVISAN, Janine. A Frente Parlamentar Evangélica: força política no estado laico brasileiro. *Numen*, v. 16, n. 1, 2013.

VITAL, Christina C.; LOPES, Paulo Victor L.. *Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Fundação Heinrich Böll, 2013.